



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-graduação em Lingüística – PPGL

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE

Shelton Lima de Souza

Brasília

2008

Shelton Lima de Souza

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE

**Dissertação submetida ao Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas do
Instituto de Letras da Universidade de Brasília,
como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de mestre em Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra Daniele Marcelle Grannier

**Brasília
2008**

Shelton Lima de Souza

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DA LÍNGUA AKWEN-XERENTE

**Dissertação submetida ao Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas do
Instituto de Letras da Universidade de Brasília,
como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de mestre em Linguística.**

Banca Examinadora

Prof.^a Dra Daniele Marcelle Grannier (LIP/UnB) – presidente

Prof.^a Dra Flávia de Castro Alves (LIP/UnB) – titular

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho (FL/UFG) – titular externo

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (LIP/UnB) – suplente

Dedico este trabalho a pessoas que foram fundamentais nessa pesquisa: os índios Akwẽ-Xerente que, pela firme resistência, ainda preservam elementos básicos de sua cultura e os meus pais, Camilo e Albertina que me fizeram acreditar na possibilidade de coisas até então impossíveis.

“É porque podemos transformar o mundo, que estamos com ele e com outros. Não teríamos ultrapassado o nível de pura adaptação ao mundo se não tivéssemos alcançado a possibilidade de, pensando a própria adaptação, nos servir dela para programar a transformação.”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço

- ❖ primeiramente a Deus que despertou em mim o desejo de trabalhar com Línguas Indígenas e me ofereceu os meios para realizar este trabalho;
- ❖ aos meus pais, Camilo e Albertina, por tudo que aprendi ao longo de toda a minha vida e por me fazerem um cidadão;
- ❖ à minha orientadora, professora Daniele Marcelle Grannier, que me aceitou como seu orientando e me estimulou e ensinou a ir atrás daquilo que quero, com esforço e trabalho; a ser independente e confiante no mundo da pesquisa;
- ❖ à professora Silvia Lucia Bigonjal Braggio, por ter me aceitado como membro do projeto LIBA “Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolingüísticas”;
- ❖ ao professor, Sinval Martins de Sousa Filho, pela ajuda em fazer-me compreender certas “coisinhas” da língua, pelo fornecimento de dados que foram importantíssimos para o desenvolvimento da análise fonológica, pela hospedagem em sua casa em minhas idas a Goiânia e por ter nos fornecido, no início da pesquisa, as suas gravações e bibliografias importantes sobre a sociedade Akwẽ-Xerente;
- ❖ à professora Flávia de Castro Alves, por suas orientações imprescindíveis em certa etapa desse trabalho;
- ❖ a todos os professores do departamento de lingüística da UnB, especificamente do Programa de Pós-graduação em Lingüística PPGL;
- ❖ a todos os funcionários do Programa de Pós-graduação em Lingüística PPGL;
- ❖ às amigas da pós-graduação em lingüística: Virginia Andrea Garrido Meirelles, Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva, Tércia, Aline, Dalmo e Elaine pelo apoio incondicional ao longo de toda a minha caminhada no mestrado e, também, pela amizade sincera e acolhedora que sempre me demonstraram;

- ❖ às amigas de graduação e de toda a minha existência Ariana, Andréia, Amanda, Camila, Cristiane e Daniela Cândida, que me fizeram perceber o verdadeiro valor de uma grande amizade;
- ❖ aos meus alunos do Ensino Fundamental e Médio do Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva, por me fazerem perceber que o magistério é uma forma de transformação social;
- ❖ aos amigos e colegas de trabalho do Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva, os professores: Flávia Cabral (Flavinha), José Ricardo (Riko), Angela, Vitória, Matilde, Tiago (Xexelento), Leila Cristina (Leilinha), Dolôres (tia Dolores), Izis, Márcia, Liduína, Adeni, Francisco Monteiro, Maria Enicler, Edvards, Roberta (Betinha), Shirley, Vera Lúcia, Francisco Rodrigues (Francesco), Joel e à diretora Eliana, pelo apoio e amizade durante as minhas “neuroses” até realização desta pesquisa;
- ❖ às funcionárias e amigas da secretaria do Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva: Maria Lúcia (Lucinha) e Janaína (Jana), por me ajudarem em questões burocráticas da secretaria enquanto eu estava “atolado” de coisas da pesquisa para fazer;
- ❖ às amigas Agda, Edineide, Jô e Patrícia Tavares, pela amizade imensurável;
- ❖ aos auxiliares de pesquisa Akwẽ-Xerente Selma, Bonfim Xerente, Sinã, Sirnawẽ, Edite Smĩkidi, Noemi Wakrtadi, Diana Kéti, Ilda Nãmnãdi e Jeová Sirnãrê, com os quais aprendi muito sobre a língua e cultura Akwẽ-Xerente;
- ❖ finalmente, a todos os índios Akwẽ-Xerente, que sempre me receberam com carinho e atenção, os meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RELAÇÃO DE QUADROS..... | 10 |
| RESUMO..... | 11 |
| ABSTRACT..... | 12 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1.1. Delimitação do estudo..... | 14 |
| 1.2. Construto teórico..... | 14 |
| 1.3. Metodologia..... | 15 |
| 1.4. Estudo sobre a língua Akwẽ-Xerente e o LIBA..... | 17 |
| 1.5. Estudos Etnográficos sobre os Akwẽ-Xerente..... | 18 |
| 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 20 |
| 2.1. Estudos fonético-fonológicos da língua Akwẽ-Xerente..... | 20 |
| 2.2. Mattos (1973)..... | 21 |
| 2.2.1 Alofones consonânticos..... | 22 |
| 2.2.2. Alofones vocálicos..... | 23 |
| 2.3. Braggio (2005)..... | 23 |
| 2.4. Grannier e Souza (2005)..... | 25 |
| 2.5. Conclusão sobre a revisão dos estudos..... | 27 |
| 3. FONÉTICA E FONOLOGIA DAS VOGAIS..... | 28 |
| 3.1. Descrição fonética das vogais..... | 28 |
| 3.1.1. Fones vocálicos orais..... | 29 |
| 3.1.2. Fones vocálicos nasais..... | 33 |
| 3.2. Descrição fonológica das vogais..... | 36 |
| 3.2.1. Fonemas vocálicos em Akwẽ-Xerente..... | 36 |
| 3.2.1.1. Oposições fonológicas..... | 37 |
| 3.2.1.2. Alofonia e distribuição das vogais..... | 39 |
| 3.2.1.2.1. Alofonia e distribuição das vogais orais..... | 39 |
| 3.2.1.2.2. Alofonia e distribuição das vogais nasais..... | 47 |
| 4. FONÉTICA E FONOLOGIA DAS CONSOANTES..... | 49 |

| | |
|--|-----------|
| 4.1. Descrição fonética das consoantes..... | 49 |
| 4.1.1. Fones consonânticos do Akwẽ-Xerente..... | 51 |
| 4.1.1.1. Fones oclusivos..... | 51 |
| 4.1.1.1.1 Fones oclusivos surdos e sonoros..... | 52 |
| 4.1.1.2. Fones africados..... | 54 |
| 4.1.1.2.1 Fones africados surdos e sonoros..... | 54 |
| 4.1.1.3. Fones fricativos..... | 54 |
| 4.1.1.3.1. Fones fricativos surdos..... | 55 |
| 4.1.1.3.2. Fones fricativos sonoros..... | 56 |
| 4.1.1.4. Fones nasais..... | 57 |
| 4.1.1.5. Fone lateral..... | 58 |
| 4.1.1.6. Fones Flaps..... | 58 |
| 4.2. Descrição fonológica das consoantes..... | 59 |
| 4.2.1. Fonemas consonânticos do Akwẽ-Xerente..... | 59 |
| 4.2.1.1. Oposições fonológicas..... | 60 |
| 4.2.1.2. Alofonia e distribuição das consoantes oclusivas surdas..... | 64 |
| 4.2.1.3. Alofonia e distribuição das consoantes oclusivas sonoras..... | 69 |
| 4.2.1.4. Alofonia e distribuição das consoantes fricativas..... | 71 |
| 4.2.1.5. Alofonia e distribuição das consoantes nasais..... | 75 |
| 4.2.1.6. Alofonia e distribuição das consoantes flaps..... | 76 |
| | |
| 5.QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA..... | 78 |
| 5.1. Vogais epentéticas..... | 78 |
| 5.2. Vogais nasalizadas..... | 80 |
| 5.3. Interpretação fonológica para os segmentos consonânticos [ϕ], [β] e [f], [v], [ʋ]..... | 81 |
| 5.4. Ditongos e glides..... | 81 |
| 5.5. Sílabas, padrões silábicos e acento em Akwẽ-Xerente..... | 83 |
| 5.6. Interpretação de /p/, /b/ e /t/, /d/..... | 88 |
| 5.7. Relação das oclusivas sonoras com as nasais..... | 91 |
| 5.8. Neutralização de /h/ e /r/ e de /s/ e /z/..... | 92 |
| | |
| 6.CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 94 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA..... | 96 |

RELAÇÃO DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Fonemas consonânticos do Akwẽ-Xerente segundo Mattos (1973)..... | 21 |
| Quadro 2 – Fonemas vocálicos do Akwẽ-Xerente segundo Mattos (1973)..... | 21 |
| Quadro 3 – Fones consonânticos do Akwẽ-Xerente segundo Braggio (2005).. | 24 |
| Quadro 4 – Fones vocálicos orais do Akwẽ-Xerente segundo Braggio (2005). | 24 |
| Quadro 5 – Fones vocálicos nasais do Akwẽ-Xerente segundo Braggio (2005)..... | 24 |
| Quadro 6 – Fones consonânticos do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)..... | 26 |
| Quadro 7 – Fones glides do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)..... | 26 |
| Quadro 8 – Fones vocálicos orais do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza..... | 26 |
| Quadro 9 – Fones vocálicos nasais do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)..... | 27 |
| Quadro 10 – Fones vocálicos orais..... | 28 |
| Quadro 11 – Fones vocálicos nasais..... | 29 |
| Quadro 12 – Fonemas vocálicos orais..... | 36 |
| Quadro 13 – Fonemas vocálicos orais de acordo com o levantamento da língua..... | 36 |
| Quadro 14 – Fonemas vocálicos nasais..... | 37 |
| Quadro 15 – Fones consonânticos..... | 50 |
| Quadro 16 – Fonemas Consonânticos..... | 59 |
| Quadro 17 – Variações Consonânticas do Akwẽ-Xerente..... | 60 |

RESUMO

Este trabalho destina-se a produzir uma revisão dos trabalhos fonológicos já existentes e um aprofundamento das características fonéticas dos segmentos consonânticos e vocálicos a fim de propor uma nova alternativa de análise fonológica. O Xerente é falado em aldeias próximas à cidade de Tocantínia – TO, que se encontra cerca de 90 km da capital Palmas. As aldeias, onde nossos auxiliares de pesquisa residem são: Centro, Salto e Recanto. O estudo levará em conta os resultados já obtidos por outras pesquisas sobre a fonologia, como os estudos de Mattos (1973), Braggio (2005), Grannier e Souza (2005). Esta língua, segundo Rodrigues (1986), pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê e à família lingüística Jê. Os dados para a realização desta pesquisa foram registrados junto a falantes nativos e bilíngües em Português-Xerente que vivem em aldeias demarcadas no município de Tocantínia às margens do rio Tocantins, no Estado de mesmo nome.

ABSTRACT

This work intends to produce a review of existing phonological research and to deepen knowledge on the characteristics of phonetic consonantal and vocalic segments in order to propose a new alternative for the phonological analysis. The Akwẽ-Xerente language is spoken in villages near the city of Tocantínia - TO, which is about 90 km from the capital Palmas. The villages, where our assistants live are: Centro, Salto and Recanto. The study will take into account the results already obtained by other research on phonology, like the studies of Mattos (1973), Braggio (2005), and Grannier & Souza (2005). This language, according Rodrigues (1986), belongs to the Macro-Jê branch and to the linguistic family Jê. The data for this research were recorded with native speakers who are bilinguals in Portuguese-Akwẽ-Xerente that live in villages in the reservation Tocantínia along the banks of the Tocantins river in the state of the same name.

1

INTRODUÇÃO

A língua Akwen-Xerente, Akwẽ-Xerente ou simplesmente Xerente, classificada por Rodrigues (1986) como pertencente à família Jê e ao tronco Macro-Jê, encontra-se entre as línguas ameaçadas de extinção e essa descrição pretende contribuir para sua (re)vitalização e oferecer resultados aplicáveis a programas de educação bilíngüe. A língua é falada pelo povo de mesmo nome, Akwẽ-Xerente, que vive à margem esquerda do rio Tocantins, região central do Estado de Tocantins, cerca de 90 Km ao norte de Palmas e contabiliza mais de 3.000 indivíduos.

Segundo Luz (2005), a população Akwẽ-Xerente vem se recuperando depois de um longo período de declínio populacional registrado desde os primórdios do contato com a sociedade envolvente. O declínio populacional, entretanto, foi estancado no início do século XIX. Somente no século XX o processo foi revertido, devido em grande parte a uma série de melhorias na assistência à saúde, que trouxe também, conseqüentemente, melhorias na qualidade de vida, levando o povo Akwẽ-Xerente a um patamar jamais visto de crescimento populacional. Segundo Darcy Ribeiro apud Luz (2005), eram cerca de 350 em 1957 e, após a reversão do processo, o censo demográfico de 2004 registra uma população em torno de 2.455 indivíduos (Funasa, 2004).

Essa população encontra-se espalhada em 43 aldeias, dispersas aleatoriamente pelo território Akwẽ-Xerente, das quais 25 delas surgiram nos últimos dez anos.

1.1. Delimitação do estudo

Nossa pesquisa sobre a língua Akwẽ-Xerente insere-se no projeto de análise da Fonologia da língua Akwẽ-Xerente de Daniele Marcelle Grannier vinculado ao projeto interinstitucional UnB/UFG “Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas: Documentação (Análise e Descrição) e Tipologias Sociolingüísticas” – LIBA coordenado pela Profa. Dra. Silvia Lucia Bingonjal Braggio da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Preocupando-me com a situação indígena brasileira é que me inseri, a partir de um convite feito por minha orientadora Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier, no projeto. O primeiro estudo que realizamos com a língua Akwẽ-Xerente foi em 2003 e, desse ano a 2004, viemos utilizando gravações do banco de dados do projeto LIBA.

No presente trabalho, será apresentada uma revisão dos resultados de estudos anteriores sobre aspectos fonético-fonológicos do Akwẽ-Xerente (capítulo 2) e a descrição fonético-fonológica de segmentos vocálicos (capítulo 3) e consonânticos (capítulo 4), além de questões de interpretação fonológica que serão apresentadas no capítulo 5.

1.2. Construto teórico

A primeira parte desse trabalho objetiva abordar tópicos de estudos etnográficos, visando à instauração de um quadro contextual da comunidade de Fala Akwẽ-Xerente. Considera-se importante abordar aspectos etnográficos devido à necessidade de lingüistas, especificamente os que trabalham com etnias minoritárias e com línguas em perigo de extinção, em conhecer a cultura para uma melhor análise lingüística e, também, para o devido conhecimento do povo com o qual se está trabalhando. Para situar o estudo lingüístico no contexto etnográfico, consideramos os seguintes trabalhos: Nimuendajú (1942), Lévi-Strauss (1976-1964), Maybury-Lewis (1979-1984), Luz (2005) e Sousa Filho (2007).

Neste trabalho, a Fonética e a Fonologia do Akwẽ-Xerente são apresentadas no quadro geral da Lingüística Descritiva. Assim, são considerados os conceitos predominantemente distribucionalista, adotando-se os conceitos e termos de Pike (1947) e Câmara Jr (1959). No campo da Fonética e da Fonologia, recorre-se a Ladefoged e

Maddieson (1996) e Ladefoged (2001) assim como no campo da Fonologia, recorre-se a Troubetzkoy (1949), Jakobson, Fant e Halle (1972), entre outros.

Além disso, procuramos nos ater aos usos de termos que estão se consagrando no quadro da descrição das línguas indígenas brasileiras sempre que possível, adaptando-os às necessidades da Fonética e Fonologia.

1.3. Metodologia do estudo

Foram coletadas narrativas em viagens de campo, contendo histórias pessoais, histórias de grupos, rituais, etc. em diversas versões contadas ou pelo mesmo sujeito em diferentes ocasiões ou por diferentes sujeitos. Após um primeiro estudo fonológico no âmbito do programa de iniciação científica, que resultou no trabalho “Fonologia Segmental da Língua Xerente” em co-autoria com Daniele Marcelle Grannier, realizei duas idas a campo, a primeira em junho e a segunda em dezembro, ambas de 2005, cujos dados coletados foram: (1) listas de palavras visando à obtenção de pares mínimos e análogos, preparadas com base no dicionário escolar Xerente-Português Português-Xerente de Krieger e Krieger (1994). Contamos com dois auxiliares de pesquisa principais: Bonfim Xerente e sua esposa Selma, (2) relatos do dia-a-dia da vida Akwẽ-Xerente, em entrevistas individuais e (3) relatos do dia-a-dia da vida Akwẽ-Xerente, em situação formal de sala de aula. Coletamos esses relatos no curso de formação de professores indígenas realizado na cidade de Tocantínia-TO. Os professores que nos auxiliaram na pesquisa foram: Jeová Xerente, Noemi da Mata Xerente e Edite Smikidi¹.

Bonfim e Selma moram na cidade de Tocantínia durante o período letivo escolar de seus filhos, retornando à aldeia quando as aulas acabam. Bonfim, junto com outro índio Akwẽ-Xerente, Lázaro, nas eleições municipais de 2004, se candidataram a vereador, sendo os dois eleitos. Bonfim e Lázaro são os representantes dos Akwẽ-Xerente na câmara municipal.

Selma organiza reuniões com as mulheres da aldeia para discutirem assuntos diversos.

Em janeiro de 2007, na cidade de Goiânia – Go, tivemos oportunidade de coletar

¹ Além dos Xerente, estavam também no curso de formação de professores indígenas outras etnias como: Apinajé, Krahô e Karajá.

dados também com alguns Akwẽ-Xerente que cursam a graduação em Licenciatura Intercultural da UFG². Fizemos gravações com dois professores Akwẽ-Xerente: Silvino e Valci.

Silvino, Sirnãwê em Akwẽ-Xerente, tem 32 anos. Nasceu na Aldeia Centro, mas, atualmente, mora na Aldeia Salto. Antes de ser professor, Silvino foi agente de Saúde nas aldeias, mas por causa de desentendimentos com funcionários da Funasa, desistiu de trabalhar para o órgão. Hoje, dá aulas de Educação Física no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente (CEMIX) que fica a 12 km de Tocantínia. Ele tem dois filhos: um menino de nove anos e uma menina de sete anos, ambos bilíngües em Akwẽ-Xerente - Português³. Silvino, por ter um bom conhecimento de português, está auxiliando na tradução da bíblia do português para o Akwẽ-Xerente. A religião predominante entre os Akwẽ-Xerente é a protestante, provavelmente pela longa estadia de missionários protestantes entre eles como Rinaldo de Mattos, o casal Maybury-Lewis e o casal Krieger e Krieger.

Valci, Sinã em Akwẽ-Xerente, tem 24 anos e sempre foi professor na aldeia Recanto, onde mora. Apesar da pouca idade, já é casado (o casamento de jovens de pouca idade é comum entre os Akwẽ-Xerente) e tem três filhos, todos falantes bilíngües de Akwẽ-Xerente-Português. Com esses dois auxiliares de pesquisa, fizemos coletas de narrações e frases soltas, além de informações culturais sobre o grupo.

Após a revisão de trabalhos já existentes na área, seguiram-se os seguintes procedimentos:

As gravações foram transcritas foneticamente, utilizando basicamente os símbolos da Associação Internacional de Fonética (IPA), com algumas adaptações quando necessário. Para a identificação e caracterização dos fones, usaram-se os trabalhos de Ladefoged e Maddieson (1996) e Weiss (1988). Levamos em consideração que na Fonética são analisados os sons vocais (fones)⁴ utilizados nas línguas humanas em suas diversas realizações, sem focalizar sua função e seu significado.

A partir da descrição fonética dos fones do Akwẽ-Xerente e da análise de suas

² Além dos Akwẽ-Xerente, outras etnias como Karajá, Apinajé, Tapirapé, também estão fazendo a licenciatura.

³ Informações dadas pelo próprio auxiliar de pesquisa.

⁴ Adotamos o termo **fone**, na maioria da descrição, para distinguir sons considerados em seus aspectos puramente fonéticos de sons com caráter fonológico, para os quais adotamos o termo **fonemas**.

funções, foi feita uma descrição fonológica, utilizando propostas metodológicas já consolidadas nessa área do conhecimento, como as de Pike (1947), Trubetzkoy (1971) e Jakobson, Fant e Halle (1972). Na fonologia, os fones descritos pela Fonética serão tratados do ponto de vista da função que apresentam em estruturas complexas e de seu teor distintivo. Para a descrição de fones e fonemas, adotamos uma abordagem articulatória.

Por último, os resultados dessa análise foram comparados com descrições de Mattos (1973), Braggio (2005) e Grannier e Souza (2005).

1.4. Estudos sobre a língua Akwẽ-Xerente e o LIBA

Além de trabalhos sociolingüísticos (Braggio 1992, 1997, 1998, 1999, 2000, 2002, 2003 e 2005), há estudos descritivos da língua Akwẽ-Xerente. O primeiro trabalho de descrição fonológica foi o de Mattos (1973) intitulado “Fonêmica Xerente” e depois foi confeccionado um dicionário bilíngüe por Krieger e Krieger (1994) missionários da Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Ambos são utilizados até hoje pelo grupo para desenvolver cartilhas ou outros materiais para a alfabetização bilíngüe dos jovens Akwẽ-Xerente. Em 2003, a Professora Silvia Lucia Bingujal Braggio da Universidade Federal de Goiás, criou o projeto LIBA cujo objetivo é a análise/descrição e tipologias sociolingüísticas do grupo. Esse projeto, além dos Akwẽ-Xerente, engloba também outras etnias indígenas brasileiras.

Os objetivos gerais do LIBA com grupos indígenas brasileiros visam a: (i) documentar, descrever e analisar línguas ameaçadas e (ii) desvelar as situações sociolingüísticas para contribuir com ações educacionais e outras que permitam a (re)afirmação e (re)vitalização das línguas que estão no projeto. Além dos Akwẽ-Xerente, há no projeto estudos sobre vários grupos de famílias lingüísticas diferentes como Chiquitano, Jabuti, Bakairi e Terena. Diversos estudos sobre os Akwẽ-Xerente já foram desenvolvidos no âmbito desse projeto: (Braggio 2003 a, b, e c e 2005, Grannier, 2005, Mesquita, 2006, Siqueira, 2003, Sousa Filho, 2003, 2004 a, b e c, 2005 e 2007, Grannier & Souza, 2005, e Vieira, 2005). Em Braggio, Sousa Filho, Mesquita e Vieira foram tratados aspectos tipológico-sociolingüísticos e de aquisição de primeira e segunda língua (código oral e escrito), enquanto que em Grannier, Siqueira, Sousa Filho

e Grannier & Souza desenvolveram-se descrições da estrutura da língua Akwẽ-Xerente, desde aspectos morfossintáticos até considerações fonético-fonológicas (Sousa Filho, 2007).

O principal objetivo do projeto LIBA é promover a pesquisa lingüística das línguas indígenas brasileiras, principalmente daquelas que estão ameaçadas de extinção. Para que a eliminação de uma língua não aconteça, e isso vem ocorrendo nos últimos anos com frequência (Braggio, 2003a, 2003b e 2003c), faz-se necessário, por parte de lingüistas, um estudo descritivo de variados fenômenos lingüísticos.

1.5. Estudos etnográficos sobre os Akwẽ-Xerente

Para fazer uma pequena descrição etnográfica do povo Akwẽ-Xerente, utilizaremos informações de antropólogos que trabalharam ou ainda trabalham com os Akwẽ-Xerente e apresentam informações relevantes sobre o grupo.

Luz (2005, p.14) afirma que se pode dividir a história do povo Akwẽ-Xerente em cinco fases. A primeira fase, que ele chama de pré-etnográfica, se baseia em documentos como atas, correspondências oficiais, notas em livros, cartas das províncias, notícias de jornais e relatos sobre conflitos entre indígenas e não-indígenas.

Ainda segundo o mesmo autor, a segunda fase dos estudos etnográficos do povo Akwẽ-Xerente refere-se ao trabalho do etnógrafo, Curt Nimuendajú, que na década de 30, faz um registro do grupo. Nimuendajú realizou suas pesquisas etnográficas entre o grupo em duas ocasiões durante os anos de 1930 e 1937. Com a parceria de Robert Lowie, que fez a tradução do alemão para o inglês, publicou a obra *The Sherente*, em 1942. Esse trabalho é considerado, até hoje, a etnografia mais completa do grupo. Segundo Mellati (2005, p. 17), Curt Nimuendajú pode ser considerado “o mais notável pesquisador das sociedades indígenas, pela extensão do seu trabalho e pela dedicação com que se voltou a elas”. Entre os Akwẽ-Xerente, ele trabalhou com o auxílio do Social Science Institute of Califórnia University, contando com o apoio do antropólogo norte-americano Robert Lowie. De sua extensa obra, destacam-se sua etnografia *The Sherente* (1942) e a fase que vai de 1928 a 1940, onde predominam suas atividades entre grupos do tronco lingüístico Macro-Jê. Durante esse período, Nimuendajú fez

inúmeras e alternadas visitas aos grupos indígenas que pesquisava, entre os quais os Apinajé, os Ramkokamekrá e os Akwẽ-Xerente, de onde resultaram, além da etnografia sobre os Akwẽ-Xerente, uma etnografia sobre os Apinajé, *The Apinajé*, (1939) e uma descrição etnográfica sobre o grupo tribal Canela (The Eastern Timbira). Nimuendajú esteve entre os Akwẽ-Xerente primeiramente em 1930, quando passou um mês e quinze dias e posteriormente em 1937 quando permaneceu dois meses e vinte dias.

Luz (2005, p. 14) diz que a terceira fase de estudos desse grupo se deu com o casal David e Pia Maybury-Lewis que durante um ano permaneceram envolvidos com os Akwẽ-Xerente, no período entre 1955 e 1956. Durante esse ano, Mayburi-Lewis publicou quatro artigos e fez um diário de campo onde registrou suas reflexões antropológicas, chamado de *The Savage and the Innocent* (1990). Nesse trabalho, o autor relata suas experiências entre os Akwẽ-Xerente e os Akwẽ-Xavante.

A quarta fase de estudos, que vai da década de 60 até o final da década de 80, descrita por Luz, registra apenas a falta de estudos sobre o grupo indígena, a não ser por pesquisadores do convênio Harvard-Museu Nacional.

A quinta fase de estudos, iniciada no final do século XX e que continua no século XXI, registra um conjunto de estudos com relatórios sobre impacto ambiental das hidrelétricas, censos, diagnósticos etno-ambientais e outros estudos com base sócio-econômica. O autor salienta que tais estudos feitos por entidades governamentais e, principalmente, pela iniciativa privada visam a avaliar o impacto social das hidrelétricas executados por esses órgãos.

Quanto à análise cultural e lingüística, há um novo aporte do mundo acadêmico, no qual se destacam os trabalhos de Mattos (1973), Krieger & Krieger (1994), entre outros, além das contribuições dos pesquisadores do projeto LIBA, descrito na seção 1.4, acima.



REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo visa a apresentar a revisão bibliográfica das descrições fonético-fonológicas feitas antes dessa pesquisa. Os trabalhos revisados serão de: Mattos (1973), Braggio (2005) e Grannier e Souza (2005).

2.1. Estudos fonético-fonológicos da língua Akwẽ-Xerente

A maioria dos trabalhos de lingüística existente sobre a língua Akwẽ-Xerente enfoca principalmente aspectos sociolingüísticos, sintático-morfológicos e fonológicos. Com este trabalho de descrição lingüística, pretendemos contribuir para o aprofundamento do conhecimento fonético-fonológico da língua.

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, uma revisão de trabalhos descritivos de Fonética e Fonologia, nas quais são estudadas consoantes e vogais do Akwẽ-Xerente.

O primeiro estudo de fonologia da língua foi publicado em 1973 por Rinaldo de Mattos, missionário da organização Missão Novas Tribos do Brasil e depois, em 1994, Krieger & Krieger publicaram o *Dicionário Escolar: Xerente-Português Português-Xerente*. Krieger & Krieger também se basearam no trabalho de Mattos para a escrita da língua no dicionário. Durante muitos anos, apenas esses dois trabalhos descreveram a língua Akwẽ-Xerente. Só em 2003, iniciou-se um projeto de (re)vitalização, surgindo daí novos trabalhos de descrição da língua (v. Introdução – Capítulo 1). Nesse projeto, desenvolveram-se dois artigos de caráter fonético-fonológico que são: o artigo “Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwẽ: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Mayburi-Lewis (1965) com os de Braggio de (2004)”, de Braggio (2005) e “Fonologia Segmental da Língua Xerente”, de Grannier e Souza

(2005)⁵. Segue-se, abaixo, uma breve revisão desses trabalhos.

2.2. Mattos (1973)

O trabalho de Mattos, “Fonêmica Xerente”, consiste de uma descrição dos fonemas da língua Akwẽ-Xerente.

Abaixo, segue uma resenha dos principais pontos fonológicos abordados por ele: Segundo Mattos, há 10 fonemas consonânticos, entre os quais se inclui um glide /w/, e 14 fonemas vocálicos.

Mattos apresenta dois quadros (1 e 2) de fonemas, reproduzidos abaixo, e descreve as variações alofônicas resumidas a seguir:

| | | Bilabial | Labial | Alveolar | Velar | Glotal |
|----------|--------|----------|--------|----------|-------|--------|
| Oclusiva | Oral | p | | t | k | |
| | Nasal | b | | d | | |
| Contínua | Sonora | w | | z | | |
| | Surda | | | s | | h |
| Vibrante | | | | r | | |

Quadro 1 – Fonemas consonânticos do Akwẽ-Xerente segundo Mattos (1973)

| | Anterior | Central | Posterior |
|-------|----------|---------|-----------|
| Alta | i ĩ | ɨ | u ũ |
| Média | e | ə | o |
| Baixa | ɛ ɛ̃ | a ã | ɔ õ |

Quadro 2 – Fonemas vocálicos do Akwẽ-Xerente segundo Mattos (1973)

⁵ Trabalho apresentado no SIMPÓSIO INTEGRADO DE LETRAS “LINGUAGEM: MÚLTIPLOS OLHARES” ANÁLISE DO DISCURSO / EDUCAÇÃO E LÍNGUAS INDÍGENAS / GRAMÁTICA FUNCIONAL / LÍRICA E CONTEMPORANEIDADE: PERCURSOS, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), em 07 de outubro de 2005.

2.2.1. Alofones consonânticos

Em sua análise, Mattos identifica duas séries de oclusivas orais e nasais. As oclusivas orais são surdas e se realizam em três pontos de articulação: labial /p/, alveolar /t/, e velar /k/. Com respeito a esses fonemas, o autor descreve as seguintes realizações:

“/p,t,k/, apresentam variantes ligeiramente aspiradas [p^h,t^h,k^h], distribuídas da seguinte maneira: [p^h] ocorre precedendo a vogal /i/, [t^h] ocorre precedendo as vogais /i,u/ e [k^h] ocorre precedendo as vogais /i,e,ε,e/;

/k/ apresenta mais uma variante: [g] vozeada, que ocorre em variação [k] seguindo a vogal [i]: como em /tikwa/ ‘nome indígena’, que se realiza [tigwa] ~ [tikwa];

/b/ tem uma variante [b] oral em início de sílabas que contém vogais orais e uma variante nasal [m] em início de sílabas que contém vogais nasais em posição final de sílaba: /kuba/ ‘canoa’ [k^huba] e /ba/ ‘ema’ [mã];

/d/ tem uma variante oral [d] em início de sílabas que contém vogais orais, uma variante nasal [n] em início de sílabas que contém vogais nasais e uma variante semivogal nasalizada [ɲ] que ocorre no final de sílaba, exemplificadas em: /dadi/ ‘ventre’ [dadi], /doze/ ‘milho’ [nõze] e /dadõdto/ ‘língua’ [danõ̃ɲto].

/h/ apresenta-se surda na maioria dos exemplos mas, às vezes, entre vogais é sonora. Em certas palavras /h/ está se perdendo na fala dos jovens: /wahu/ ‘época da seca’ [wahu] ou [wau] e /pahidi/ ‘com medo’ [pahidi] ou [paidi]”.

Mattos identifica um alofone vibrante simples alveolar sonora [r], que ele caracteriza como “flap retroflexado” e exemplifica como: /robwa/ ‘gordura’ [romwa].

2.2.2. Alofones vocálicos

Com relação aos fonemas vocálicos, o autor apresenta uma regra de alofonia: a vogal /e/ tem uma variante alta aberta [ɪ] que ocorre seguindo /r/, enquanto /o/ tem uma variante alta aberta [ʊ] que ocorre seguindo /s/ e /z/ na “fala rápida”: /ture/ ‘menino’ que se realiza [turi] e /bbizo/ ‘buscar lenha’ que se realiza [mmizʊ].

2.3. Braggio (2005)

De cunho sociolingüístico o artigo “Revisitando a Fonética/Fonologia da língua Xerente Akwẽ : uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Mayburi-Lewis (1965) com os de Braggio (2004)”, de Braggio (2005), analisa aspectos fonético-fonológicos de diferentes gerações com intuito de verificar o grau de vitalidade ou obsolência da língua. Braggio registrou a constante afirmação dos jovens Akwẽ-Xerente de não entender o que dizem os mais velhos. O corpus de Braggio é composto de dados, trabalhados a partir de 2003 com diferentes gerações: (i) de 12 a 20 anos (que ela chama de mais jovens); (ii) de 21 a 49 anos (denominado pela autora de relativamente jovens) e de (iii) 50 anos em diante (classificado como mais velhos). O material colhido por ela para análise incluía palavras isoladas, frases, conversações e textos orais e escritos.

A autora constatou que o problema do não entendimento dos jovens da língua dos “mais velhos” não se devia a aspectos estruturais da língua, e sim à presença de numerosos empréstimos do português no Akwẽ-Xerente. Junto da questão dos empréstimos, a autora aponta para mudanças fonético-fonológicas na língua Akwẽ-Xerente nas documentações disponíveis de etnólogos: Martius (séc. XIX), Mayburi-Lewis (séc. XX) e as análises mais recentes do grupo LIBA (séc. XX e séc. XXI).

A partir de seus dados de 2004, Braggio identifica uma “Matriz fonética provisória” que apresentamos em forma de quadros, abaixo:

| | Bilabial | Labial | Alveolar | Velar | Glotal |
|------------------------------|----------|--------|----------------|-------|--------|
| Oclusiva + voz – voz | b p | | d t | | |
| Oclusiva - voz | | | | k | |
| Oclusiva + voz | | | | | ŋ |
| Nasal + voz | m | | n | | |
| Fricativa + voz + retroflexa | | | ʒ _ɻ | | |
| Fricativa – voz + retroflexa | | | ʃ _ɻ | | |
| Fricativa – voz | | | | | h |
| Tepe + voz | | | r | | |
| Aproximante + voz | | w | | | |

Quadro 3 – Fones consonânticos do Akwẽ-Xerente segundo Braggio (2005)

| | Anterior | Central | Posterior |
|-------|----------|---------|-----------|
| Alta | i | i | u |
| Média | e | | o |
| | ɛ | | |
| Baixa | | | |
| | | a | |

Quadro 4 – Fones vocálicos orais do Akwẽ-Xerente segundo Braggio (2005)

| Anterior | Central | Posterior |
|----------|---------|-----------|
| ĩ | | ũ |
| ẽ | ã | õ |

Quadro 5 – Fones vocálicos nasais do Akwẽ-Xerente segundo Braggio (2005)

Foi especialmente útil para o nosso trabalho a identificação por Braggio de características fonético-fonológicas atuais da língua Akwẽ-Xerente, tais como: a presença do segmento consonântico retroflexo [ʃ_ɻ] e a variação sincrônica [b] ~ [p] e [d]

~ [t]⁶: [bu'du] ~ [pu'du] ~ [pdu] 'pescoço', [bdu] ~ [btu] ~ [ptu] 'pescoço', [rdu] ~ [rtu] 'áspero', [ai'kte] ~ [ai'kde] 'criança', [tbe] ~ [tpe] 'peixe'.

Além disso, a autora assinala também a tendência de apagamento de [r] em sílabas Cr(C)V: [krwa'par] ~ [kowa'par] 'ouvir' e a variação entre vogais médias fechadas e abertas [o] ~ [ɔ], como em: [nõi'to] ~ [nõi'tɔ] 'língua' e [spo'kre] ~ [spɔ'kre] 'orelha', assim como a variação entre [e] ~ [ɛ], como em: [zawre'di] ~ [zawre'ɛdi] 'ser grande', [seki'di] ~ [seki'ɛdi] 'orelha' e [aik'te] ~ [aik'tɛ] 'criança'.

2.4. Grannier e Souza (2005)

O trabalho de Grannier e Souza é de natureza sincrônico, ou seja, a descrição é feita baseando-se em dados coletados em 2003, 2004 e 2005, incluindo uma re-análise do trabalho de Mattos (1973), enfocando, em especial, a situação fonológica de /b/, /m/ e /d/, /n/.

Os dados analisados por Grannier e Souza, apresentam os seguintes fones consonânticos⁷:

⁶ Os destaques em negrito são nossos.

⁷ Para fins de formatação neste trabalho, a tabela dos fones consonânticos do Akwẽ-Xerente, segundo Grannier e Souza, é reproduzida aqui com os nomes dos pontos e modos de articulação do original abreviados, substituindo-os pelas letras indicadas a seguir: Bilabial (B), Lábio-dental (L), Dental (D), Alveolar (A), Retroflexo (R), Palatal (P), Velar (V) e Glotal (G), além dos modos de articulação Oclusivo (O), Africado (A), Fricativo (Fr), Nasal (N), LA (lateral) e Flap, e também, das características laríngicas, surdo (Su), ejetivo (E) e sonoro (So) e um ponto de articulação glide (Gl).

| | | B | | L | D | A | | R | P | V | G |
|----|----|----|----------------|---|---|----|----------------|---|---|----|----|
| O | Su | p | p ^ˀ | | | t | t ^ˀ | | | k | |
| | E | p' | | | | t' | | | | k' | |
| | So | b | b ^ˀ | | ɖ | d | | | | g | |
| A | | | | | | tʃ | | | | | |
| | | | | | | dʒ | | | | | |
| Fr | Su | ɸ | | f | | s | | | ʃ | x | h |
| | So | β | | v | | z | | | | ɣ | fi |
| N | | m | m ^ˀ | | | n | n ^ˀ | | ɲ | | |
| LA | | | | | | l | | | | | |
| Fl | | | | | | r | ɽ | | | | |

Quadro 6 – Fones consonânticos do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)

Os autores ainda apresentam 3 fones glides na língua Akwẽ-Xerente: [j], [j̃] e [w], distribuídos no quadro 6:

| Anterior | | Posterior |
|----------|-------|-----------|
| Oral | Nasal | Oral |
| j | j̃ | w |

Quadro 7 – Fones glides do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)

Ainda, segundo os mesmos autores, foram encontrados em seus dados 31 fones vocálicos, sendo 18 orais e 13 nasais, respectivamente:

| | | Anterior | Central | Posterior |
|-------|---------|-----------------|-----------------|-------------|
| | | Não-arredondada | Não-arredondada | Arredondada |
| Alta | Fechada | i | ɨ | u |
| | Aberta | ɪ | ɨ̃ | ʊ |
| Média | Fechada | e e: | ə | o o: |
| | Aberta | ɛ | | ɔ |
| Baixa | Fechada | | ɐ | |
| | Aberta | | a a: | |

Quadro 8 – Fones vocálicos orais do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)

| | | Anterior | Central | Posterior |
|-------|---------|-----------------|-----------------|-------------|
| | | Não-arredondada | Não-arredondada | Arredondada |
| Alta | Fechada | ĩ | ĩ | ũ |
| | Aberta | ĩ | ĩ | õ |
| Média | Fechada | ẽ | õõ: | õ õ: |
| | Aberta | ẽ | | õ |
| Baixa | Fechada | | | |
| | Aberta | | | |

Quadro 9 – Fones vocálicos nasais do Akwẽ-Xerente segundo Grannier e Souza (2005)

Note-se nas tabelas acima que só ocorrem fones alongados, tanto orais como nasais, entre as vogais médias fechadas.

A análise final de Grannier e Souza recupera muitos pontos da análise de Mattos (1973) e apresenta novas considerações, tais como: a interpretação de alguns fonemas e a ocorrência de variações consonânticas e vocálicas, entre os quais destacamos: (1) a palatalização de consoantes provocada pela presença do fonema /i/; (2) a proposta de três séries de consoantes: oclusivas surdas, oclusivas sonoras e nasais, nos pontos de articulação bilabial e alveolar.

Os autores chegam à identificação de doze fonemas consonânticos: / p t k b d m n r s z w h/, doze fonemas vocálicos, sendo nove orais /i i u e ə o ε ɔ a/ e três nasais /ẽ õ õ/.

2.5. Conclusão sobre a revisão dos estudos

Nesta dissertação, recuperamos muitos pontos das descrições anteriores – Mattos 1973 e Grannier e Souza 2005 – e incluímos diversos aspectos apontados por Braggio 2005, como se poderá ver nas descrições das vogais (Capítulo 3) e das consoantes (Capítulo 4). Além disso, apresentamos alguns pontos novos e continuamos a discussão de uma questão especialmente desafiadora na Fonologia do Akwẽ-Xerente, a saber, se há duas ou três séries de segmentos consonânticos bilabiais ou alveolares (v. capítulo 5), discussão iniciada por Mattos em 1973 e retomada por Grannier e Souza em 2005.



FONÉTICA E FONOLOGIA DAS VOGAIS

Este capítulo visa a fazer uma descrição fonético-fonológica das vogais do Akwẽ-Xerente. No primeiro momento serão apresentadas as tabelas de fones encontrados nas transcrições e a seguir serão oferecidas listas de ocorrências para cada som. Em seguida, será apresentada a análise fonológica para as vogais do Akwẽ-Xerente com a distribuição de cada fonema e de seus alofones.

3.1. Descrição fonética das vogais

Os fones vocálicos do Akwẽ-Xerente incluem fones orais e nasais anteriores, centrais e posteriores em diferentes graus de altura: [i], [ĩ], [ɪ], [ɨ], [e], [e:], [ə], [ɛ], [ɐ], [a], [a:], [u], [ʊ], [o], [o:], [ɔ], [ɔ:], [ĩ], [ĩ̃], [ẽ], [ẽ̃], [õ̃:], [ẽ̃], [ũ], [õ], [õ̃:] e [õ̃] como se vê nos quadros abaixo:

| | | Anterior | Central | Posterior |
|-------|---------|-----------------|-----------------|-------------|
| | | Não-arredondada | Não-arredondada | Arredondada |
| Alta | Fechada | i | ĩ | u u: |
| | Aberta | ɪ | ɨ | ʊ |
| Média | Fechada | e e: | ə | o o: |
| | Aberta | ɛ | | ɔ ɔ: |
| Baixa | Fechada | | ɐ | |
| | Aberta | | a a: | |

Quadro 10 – Fones vocálicos orais

| | | Anterior | Central | Posterior |
|-------|---------|-----------------|-----------------|-------------|
| | | Não-arredondada | Não-arredondada | Arredondada |
| Alta | Fechada | ĩ | ĩ | ũ |
| | Aberta | | | |
| Média | Fechada | ẽ | ãõ: | õ õ: |
| | Aberta | ẽ | | õ |
| Baixa | Fechada | | | |
| | Aberta | | | |

Quadro 11 – Fones vocálicos nasais

Podemos ver um número expressivo de fones orais e nasais vocálicos que se realizam em diferentes graus de abertura da boca e de seu arredondamento, além do posicionamento da língua.

Existem também, algumas peculiaridades para cada quadro: no quadro onze, na qual estão distribuídos os fones orais, ocorrem fones em quase todas as posições, exceto no que se refere ao fone central médio aberto, anterior baixo fechado e aberto e posterior baixo fechado e aberto.

Na tabela doze, quase há paralelismo com os fones orais, sendo que fones vocálicos alongados ocorrem com posteriores médios fechados arredondados tanto oral como nasal [o:], [õ:]. O fone central médio fechado não-arredondado alongado [õ:] somente ocorre nasalizado e os fones alongados anterior médio fechado e central baixo aberto [e:], [a:] ocorrem oral. Diferentemente dos fones orais, não há no quadro dos nasais um fone central baixo fechado não arredondado [ɐ].

3.1.1. Fones vocálicos orais

Apresentamos abaixo a descrição fonética dos fones vocálicos encontrados nos dados analisados do Akwẽ-Xerente, seguida dos exemplos correspondentes.

[i] fone vocálico anterior alto fechado não arredondado:

(1) [si'ka] 'galinha'

(2) [ku'pi] 'peixe elétrico'

[i] fone vocálico oral central não arredondado alto fechado:

(3) ['ki] 'água, chuva'

(4) [kiwa'we] 'rio Tocantins'

[u] fone vocálico oral posterior arredondado alto fechado:

(5) [rɔah'ku] 'vento'

(6) [udekra're] 'árvore pequena'

(7) [dujkbuzi] 'capim dourado'

(8) ['s:su] 'olho de buriti'

[u:] fone vocálico oral posterior arredondado alto fechado alongado:

(9) ['bru:] 'roça'

[ɪ] fone vocálico oral anterior não arredondado alto aberto:

(10) [si'ka] 'galinha'

[ɨ] fone vocálico oral central não arredondado alto aberto:

(11) [kɨka'ka] 'cachoeira'

(12) [zɨ] 'cobra jibóia'

[u] fone vocálico oral posterior arredondado alto aberto:

(13) [mũtu'a] 'laranja'

[e] fone vocálico oral anterior não arredondado médio fechado:

(14) [si're] 'pássaro'

(15) [kuhẽ're] 'caititu'

[e:] fone vocálico oral anterior não arredondado médio fechado alongado:

(16) [nẽkre:] 'castanha'

(17) [tpe:'hi] 'escamas de peixe'

[ə] fone vocálico oral central não arredondado médio fechado:

(18) [kə'nẽ] 'pedra'

(19) [kə'dĩ^h] 'anta'

[o] fone vocálico oral posterior arredondado médio fechado:

(20) [ota'sɛ] 'muriçoca'

(21) [ĩno're] 'como o irmão mais velho chama o irmão mais novo'

[o:] fone vocálico oral posterior arredondado médio fechado alongado:

(22) [[ko:'re] 'macaquinho'

(23) [nro:'da] 'bico do tucano'

[ɛ] fone vocálico oral anterior não arredondado baixo aberto:

(24) [am^u'kɛ 'hə] ~ [am^u'kɛ 'hə] 'pele da cobra'

(25) [dahõ'zɛ] 'doença'

[ɛ:] fone vocálico oral anterior não arredondado baixo aberto alongado:

(26) [ãʃ'sɛ:] 'ombros'

[ɔ] fone vocálico oral posterior arredondado baixo aberto:

(27) [da'tɔ] 'olho'

(28) [kɔ'bĩ] 'rabo do macaco'

(29) [kɔ'hĩ^h] 'pêlo do macaco'

[ɔ:] fone vocálico oral posterior arredondado baixo aberto alongado:

(30) [arbɔ: pa'hi] 'asa do morcego'

[ɐ] fone vocálico oral central não arredondado baixo fechado:

(31) [imɐ'kdu] 'preto'

[a] fone vocálico oral central não arredondado baixo aberto:

(32) [ĩhik'da] 'avô'

(33) [danip'kra] 'mão'

(34) [da'pra] 'pé'

[a:] fone vocálico oral central não arredondado baixo aberto alongado:

(35) [nrota:'bĩ] 'rabo do tucano'

3.1.2. Fones vocálicos nasais

Apresentamos a seguir a descrição fonética dos fones vocálicos nasais encontrados nos dados analisados do Akwẽ-Xerente, seguida dos exemplos correspondentes.

[ĩ] fone vocálico nasal anterior não arredondado alto fechado:

(36) [m̃mĩ] ‘lenha’

(37) [ʔizɛpaɾˈkwa] ‘minha mãe’

(38) [ʔihĩkˈda] ‘meu avô’

(39) [wahĩkˈda] ‘nosso avô’

[ɨ] fone vocálico nasal central não arredondado alto fechado:

(40) [kuˈbɨʰ] ‘porco’

(41) [tʰpeˈbɨ] ‘arraia’

[ũ] fone vocálico nasal posterior arredondado alto fechado:

(42) [mãkũmoˈta] ‘bico do pato’

[ɛ̃] fone vocálico nasal anterior não arredondado médio fechado:

(43) [ɾɔˈwɛ̃] ‘horizonte’

(44) [wajkwakuˈkrɛ̃] ‘pacu’

(45) [t^hpekɾẽ'pɔ] 'surubim'

(46) [krẽ'ti] 'formiga'

[ɛ̃] fone vocálico nasal central não arredondado médio fechado:

(47) ['s:rɛ̃] 'morro'

(48) ['tɛ̃] 'chuva'

[ɛ̃:] fone vocálico nasal central não arredondado médio fechado alongado:

(49) [da'krɛ̃:] 'cabeça'

[ɔ̃] fone vocálico nasal posterior arredondado médio fechado:

(50) [tɛ̃jwanõ'kõ] 'trovão'

(51) [wa'kõ] 'quati'

(52) [danõkremzu'kwa] 'tio de alguém'

[ɔ̃:] fone vocálico nasal posterior arredondado médio fechado alongado:

(53) [wa'kõ:] 'quati'

3.2. Descrição fonológica das vogais

Faremos uma descrição dos fonemas vocálicos com base numa análise de distribuição em diferentes ambientes.

3.2.1. Fonemas vocálicos em Akwẽ-Xerente

Há na língua Akwẽ-Xerente quatorze fonemas vocálicos, sendo nove orais: /i, i, u, e, ə, o, ε, ɔ, a/ e cinco nasais: /ĩ, ã, ẽ, õ, õ/, distribuídos nos quadros a seguir.

| | | Anterior | Central | Posterior |
|-------|---------|----------|---------|-----------|
| Alta | Fechada | i | ĩ | u |
| | Aberta | | | |
| Média | Fechada | e | ə | o |
| | Aberta | ε | | ɔ |
| Baixa | Fechada | | | |
| | Aberta | | a | |

Quadro 12 – Fonemas vocálicos orais

Podemos ver no quadro treze que a língua apresenta fonemas que podem ser classificados em anteriores: /i, e, ε/, centrais /ĩ, ə, a/ e posteriores /u, o, ɔ/.

Do ponto de vista do levantamento da língua, distinguem-se três séries opostas: + altas /i, i, u/, – altas fechadas /e, ə, o/ e – altas abertas /ε, a, ɔ/, que podemos representar no quadro a seguir.

| | | | | |
|---------|----------|--------|--------|--------|
| + altas | Fechadas | i e | ĩ ə | u o |
| – altas | Abertas | ε | a | ɔ |

Quadro 13 – Fonemas vocálicos orais de acordo com o levantamento da língua

No quadro 10, seguem-se os fonemas vocálicos nasais do Akwẽ-Xerente:

(58) [ku'ze] /kuze/ 'apreciar'

(59) [ku'zɛ] /kuzɛ/ 'feder'

- [e] e [i] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(60) [ku'pre] /kupre/ 'cerimônia pós morte de um Akwẽ importante'

(61) [ku'pri] /kupri/ 'queimar'

- [a] e [i] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(62) [ku'za] /kuza/ 'vestir'

(63) [ku'zi] /kuzi/ 'fogo'

- [i] e [ə] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição fonológica:

(64) [kti'kru] /kti'kru/ 'pica-pau branco'

(65) [ktə'kri] /ktə'kri/ 'jatobá da chapada'

(68) [nrota'bĩ] ~ [nrota:'bĩ] ~ [nrotə'bĩ] /nrotabi/ 'rabo do tucano'

(69) [imə'kdu] ~ [imakdu] /imakdu/ 'preto'

- Esse fonema forma sílaba com segmentos consonânticos oclusivos, fricativos e flap e ainda faz parte da formação de ditongos, quando aparece adjacente a glides, como se pode ver nos exemplos a seguir:

▫ Exemplos:

(70) /sika/ 'galinha'

(71) /padi/ 'tamanduá'

(72) /ajptəkwa/ 'teu pai'

(73) /dasazapaH⁸zε/ 'colher'

(74) /krawa/ 'paca'

(75) /kɔra/ 'macaco guariba'

⁸ Note-se que as letras maiúsculas, nas transcrições fonológicas, representam arquifonemas. Os arquifonemas de nossa análise serão apresentados no capítulo 5.

- Esse fonema pode ocorrer em sílaba com ou sem onset e com ou sem coda, constituindo em núcleo silábico em início, meio ou fim de palavra:

▫ Exemplos:

(76) /aHka/ 'mutum'

(77) /akkapɾe/ 'jacu'

(78) /ɾɔaHku/ 'vento'

(79) /wahi/ 'cobra cascavel'

- O fonema /e/, anterior médio fechado, realiza-se como [e:], vogal anterior média fechada alongada e [e], vogal anterior média fechada que variam livremente em final absoluto de palavra:

/e/: [e:] ~ [e]/_____ #
[e]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplo:

(80) [nɔ̃kre] ~ [nɔ̃kre:] /nɔ̃kre/ 'castanha'

- Esse fonema forma sílabas com segmentos consonânticos oclusivos, fricativos e flap. Apresenta distribuição e comportamento parecidos ao do segmento vocálico central baixo /a/.

- /o/, fonema vocálico posterior arredondado /o/, realiza-se como [o:], médio fechado alongado, [o], médio fechado, [u], alto fechado, e [ʊ], alto aberto, variando livremente em sílaba pré-tônica:

/o/: [o:] ~ [o] ~ [u] ~ [ʊ]/sílaba pré-tônica
 [o]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

- (94) [ho'ku] ~ [hu'ku] /huku/ 'onça'
- (95) [sikau'da] ~ [sika'o'da] ~ [sikaʊ'da] /sikauda/ 'bica da galinha'
- (96) [to'ka] ~ [tu'ka] ~ [tʊ'ka] /toka/ '2ª pes. do singular'
- (97) [nrotau'da] ~ [nro:tau'da] /nrotau'da / 'bico do tucano'

- Esse fonema pode ocorrer em início e em final de sílaba:

▫ Exemplos:

- (98) /otase/ 'muriçoca'
- (99) /tkajtom'o'rẽ/ 'areia'
- (100) /ĩnore/ 'meu irmão mais novo'
- (101) /ajʃpokreSare/ 'as orelhas deles dois'

(102) /sohãpahi/ ‘asa da coruja’

- /i/, fonema central alto fechado, e /ə/, vogal central média fechada, podem ser atestados em Akwẽ-Xerente por meio de pares análogos, que apesar de raros e de difícil apreensão, puderam ser coletados, como se pôde ver nos exemplos (64) e (65), na seção 3.2.1.1.

O fonema /i/ realiza-se como [i] e [ɨ], variando livremente em sílaba átona:

/i/: [i] ~ [ɨ]/sílaba átona
 [i]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

(103) [kiwa'wẽ] ~ [kɨwa'wẽ] /kiwawẽ/ ‘rio Tocantins’

(104) [kika'ka] ~ [kɨka'ka] /kikaka/ ‘cachoeira’

- O fonema [i] ocorre em final absoluto de palavra e final de sílaba:

(105) /ki/ ‘água’

(106) /dakire/ ‘cunhado de alguém’

O fonema /ə/ realiza-se como [ɛ] e ocorre em final de sílaba.

(107) [mãku/ /məku/ ‘pato’

- /ɛ/, fonema vocálico médio anterior aberto, realiza-se como o fone vocálico anterior médio aberto [ɛ]. Esse fonema forma sílabas com várias consoantes, geralmente sem coda silábica:

▫ Exemplos:

(108) [wasitɔ'prɛ] /wasitɔprɛ/ 'estrela'

(109) [dazɛpaɾ'kwa] /daSɛpaHkwa/ 'mãe'

(110) [ajsɔɛ'kwa] /ajSɔɛkwa/ 'teu irmão mais velho'

(111) [sɛ'ki] /sɛki/ 'doença'

- O fonema médio posterior fechado arredondado /ɔ/ realiza-se como [ɔ:], médio posterior aberto alongado e [ɔ] médio posterior aberto, variando livremente em final absoluto de palavra:

/ɔ/: [ɔ:] ~ [ɔ]/_____#

[ɔ]/ Nos demais ambientes

(112) [aɾ'bɔ] ~ [aɾ'bɔ:] /aɾbɔ/ 'morcego'

- O fonema [ɔ] também ocorre com várias consoantes, geralmente sem coda silábica:

(113) /ɾɔaHku/ 'vento'

(114) /sdakrɔ/ ‘sol’

(115) /tpekrẽpɔ/ ‘surubim – tipo de peixe’

(116) /arbɔ/ ‘morcego’

3.2.1.2.2. Alofonia e distribuição das vogais nasais

Existem dois tipos de vogal com um traço nasal em Akwẽ: as vogais puramente nasais e as vogais nasalizadas. As vogais puramente nasais, classificadas neste trabalho como fonemas vocálicos nasais são: /ĩ, ẽ, õ, õ̃/. As vogais interpretadas como alofones nasalizados das vogais orais correspondentes serão descritas na seção 5.1.

A seguir, descreveremos os fonemas nasais propriamente ditos.

- O fonema /ĩ/, anterior alta nasal, realiza-se como [ĩ], fone anterior alto nasal:

(117) [ĩpra] /ĩpra/ ‘meu pé ou minha perna’

- O fonema /ẽ/, anterior médio nasal, realiza-se como [ẽ], fone anterior médio nasal:

▫ Exemplos:

(118) [wa'wẽ] /wawẽ/ ‘velho’

- /õ̃/, vogal central média nasal, realiza-se como [õ:], vogal central média

nasal alongada, e [ã], vogal central média nasal, variando livremente em final absoluto de palavra:

/ã/: [ã:] ~ [ã]/_____#
 [ã]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplo:

(119) [dakarã:] ~ [dakarã:] /dakarã/ ‘cabeça’

- /õ/, vogal posterior média nasal, realiza-se como [õ], vogal posterior média nasal alongada, e [õ], vogal posterior média nasal, variando livremente em final absoluto de palavra:

/õ/: [õ] ~ [õ]/_____#
 [õ]/nos demais ambientes

▫ Exemplo:

(120) [wakõ] ~ [wakõ:] /wakõ/ ‘quati’

4

FONÉTICA E FONOLOGIA DAS CONSOANTES

Este capítulo terá por objetivo descrever as características fonéticas e fonológicas dos fones e fonemas consonânticos do Akwẽ-Xerente. Primeiramente, foi feito o inventário fonético dos dados, todos colocados em uma tabela fonética, sendo classificados articulatoriamente. Depois, foram analisados os fonemas da língua e suas variadas realizações.

4.1. Descrição fonética das consoantes

Nos dados coletados em viagens a campo nos anos de 2005, 2006 e 2007, ocorrem os seguintes fones consonantais: [p], [p^ˀ], [p^ʰ], [b], [b^ˀ], [t], [t^ˀ], [t^ʰ], [tʃ], [d], [d̪], [dʒ], [k], [k^ˀ], [k^ʰ], [k^h], [ʔ], [g], [β], [ϕ], [f], [v], [s], [s:], [z], [z:], [ʂ], [ʃ], [x], [ʎ], [h], [ɦ], [m], [m^ˀ], [n], [n^ˀ], [ɲ], [l], [r], [ɾ] expostos no quadro 15.

| | | | Labiais | | Frontal | | | Velar | Glotal |
|-----|--------|--------|----------------|---|---------|----------------|---|----------------|--------|
| | | | B | L | D | A | P | V | G |
| O | Su | Ex. | p | | | t | | k | ʔ |
| | | N. Ex. | p ^ʔ | | | t ^ʔ | | k ^ʔ | |
| | | As. | | | | t ^h | | k ^h | |
| | | Ej. | p ^ʰ | | | t ^ʰ | | k ^ʰ | |
| | So | Ex. | b | | d | d | | g | |
| | | N. Ex. | b ^ʔ | | | d ^ʔ | | | |
| A | Su | | | | tʃ | | | | |
| | So | | | | dʒ | | | | |
| Fr | Su | | ɸ | f | | s | ʃ | x | h |
| | | Al. | | | | s: | | | |
| | | Re. | | | | ʂ | | | |
| | So | | β | v | | z | | ɣ | ɦ |
| Al. | | | | | z: | | | | |
| N | | | m | | | n | ɲ | | |
| | N. Ex. | | m ^ʔ | | | n ^ʔ | | | |
| L | | | | | | l | | | |
| Fl | | | | | | r | | | |
| | Re. | | | | | ɾ | | | |

Quadro 15 – Fones consonânticos

Podemos ver os fones consonânticos do Akwẽ-Xerente, de acordo com suas propriedades articulatórias. Os dados distribuem-se em sete pontos de articulação: **(B)** bilabial, **(L)** lábio-dental, **(D)** dental, **(A)** alveolar, **(P)** palatal, **(V)** velar e **(G)** glotal, distribuídas no eixo horizontal do quadro 15 e em seis modos de articulação **(O)** oclusiva, **(A)** africada, **(Fr)** fricativa, **(N)** nasal, **(L)** lateral, **(Fl)** flap, expostos no eixo vertical do quadro.

É interessante observar que a tabela apresenta alguns fones com uma ocorrência paralela ao longo de três pontos de articulação: bilabial, alveolar e velar [p], [t], [k]

explodidos (**Ex.**) e seus correspondentes não-explodidos (**N. Ex.**) e ejetivos (**Ej.**) [p^h], [t^h], [k^h]. No entanto, os fones [t], [k], [b], [d] possuem características que os diferenciam dos outros fones foneticamente próximos a eles: [t] e [k] são os únicos fones que têm uma ocorrência aspirada (**As.**) [t^h] e [k^h], apenas [b] e [d], fone oclusivo bilabial sonoro e fone oclusivo alveolar sonoro, ocorrem não-explodido [b^h], [d^h]. Além disso, [d] é o único fone oclusivo sonoro que ocorre no ponto dental [d̪]. Os fones [g] e [ŋ] ocorreram em poucos dados e em ambientes previsíveis, como se verá adiante.

Como é comum nas línguas do mundo, o ponto de articulação que tem maior número de realizações dos fones é a alveolar, apresentando oito modos de articulação. Os fones bilabiais [ɸ] e [β] e os lábio-dentais [f] e [v] têm ocorrência bastante restritas: [ɸ], [β] em um item lexical da língua e [f], [v] em empréstimos do português ou variando com [ɸ] e [β].

Há nasais explodidas e não-explodidas somente em bilabiais e alveolares [m], [m^h], [n], [n^h], já com a palatal só houve a ocorrência da palatal explodida [ɲ].

Com respeito aos fones fricativos, ocorrem sonoros (**So**) e surdos (**Su**), em diferentes pontos de articulação. Há dois fones fricativos alveolares alongados (**Al**): [s:] e [z:].

No inventário fonético acima ocorrem alguns fones que não aparecem nos quadros fonéticos propostos por Braggio (2005) e Grannier e Souza (2005), como: um [ʒ] fone fricativo retroflexo sonoro.

4.1.1. Fones consonânticos do Akwẽ-Xerente

Abaixo, segue-se a classificação fonética dos fones encontrados nos dados do Akwẽ-Xerente. Para classificarmos os fones, utilizamos a nomenclatura já consolidada na Fonética Articulatória por Pike (1947) e Weiss (1988), além de trabalhos mais recentes como de Ladefoged e Maddieson (1996), Ladefoged (2001 e 2005).

4.1.1.1 Fones oclusivos

Fones oclusivos são aqueles em que, ao serem produzidos, requerem uma

obstrução total da passagem do ar na cavidade bucal, seguida de uma abertura repentina dessa obstrução. Ao se desfazer a oclusão (impedimento), o ar sai bruscamente como uma espécie de plosão. Esses fones são classificados de oclusivos explodidos. No entanto, em Akwẽ-Xerente, não ocorrem apenas fones oclusivos explodidos, há também fones não-explodidos, ejetivos e aspirados. Fones não-explodidos realizam-se com obstrução à passagem, mas sem a abertura repentin da obstrução de modo que não há plosão do ar. O fones ejetivos produzem-se com ar faringal expirado, resultante de uma oclusão na cavidade bucal e outra na glote. O fone é emitido com ar que se encontra na faringe, entre as duas oclusões. A pressão do ar na faringe aumenta com o seu levantamento, mantendo-se a glote fechada. O som é produzido com a abertura repentina da oclusão bucal, caracterizado por uma forte plosão. Fones aspirados são aqueles emitidos com um sopro adicional de ar, produzido por fricção do ar nas cordas vocais.

4.1.1.1.1. Fones oclusivos surdos e sonoros

Para cada ponto de articulação dos fones oclusivos, ocorrem diferentes modos de articulação: surdo, subdividido em explodido, não-explodido, ejetivo e aspirado e sonoro, subdividido em explodido, não-explodido e dental.

(121) Bilabial

a. [ku'pi] 'peixe-elétrico'

b. [p̣'ku] 'lagoa'

c. [p'ku] 'lagoa'

(122) Alveolar

a. [ṭɔ] 'chuva'

b. [paṭ'te're] 'gato doméstico'

c. [t'kajwams'rẽ] 'barro mole'

d. [t^hbe] 'peixe'

(123) Velar

a. [udekra're] 'árvore pequena'

b. [k'ka] 'terra'

c. [ak'ka'prɛ] 'jacu'

d. [wẽk^hi] 'perdiz'

(124) Glotal

[nõʔrɛ] 'garganta'

Foram encontrados dois fones oclusivos sonoros com ponto de articulação bilabial, sendo um explodido e outro não-explodido [b] e [b̥]:

(125) a. [ar'bɔ] 'morcego'

b. [dab^hdu] 'pescoço'

Dois fones oclusivos sonoros com ponto de articulação alveolar, sendo um explodido, outro dental e um não-explodido [d], [d̥] e [d̪]:

(126) a. [pa'di] 'tamanduá'

b. [da'di] 'barriga'

c. [d^hdu] 'capim'

Um fone oclusivo sonoro com ponto de articulação velar [g]:

(127) [ka'gi] 'pegar'

(128) [nozĩgwõm'ti] 'milho verde'

4.1.1.2. Fones africados

Fones africados são seqüências de fones, sendo um oclusivo e o outro fricativo. No Akwẽ-Xerente, o africado é um segmento consonântico cuja modo de articulação muda gradativamente de oclusivo para fricativo. A oclusão se desfaz até que haja somente constrição, o que resulta em fricção.

4.1.1.2.1 Fones africados surdos e sonoros

Há dois fones africados alveo-palatais, sendo um surdo e o outro sonoro [tʃ] e [dʒ]:

(129) a. [wa'tʃi] 'nossa flecha'

b. [kõ'dʒi] 'partícula de negação'

4.1.1.3. Fones fricativos

Diferentemente de fones oclusivos que têm um impedimento total do ar, na

articulação de um fone fricativo o impedimento é parcial na passagem de ar pela aproximação do articulador ao ponto de articulação, o que provoca um ruído de fricção quando o ar passa pelo ponto de impedimento. Nos dados do Akwẽ-Xerente, ocorrem fones fricativos surdos e sonoros, nos pontos de articulação bilabial, lábio-dental, alveolar, retroflexo, palatal, velar e glotal.

4.1.1.3.1. Fones fricativos surdos

A língua Xerente apresenta um fone fricativo surdo com ponto de articulação bilabial [ɸ]:

(130) [ajsdawahizaʔɸɾɛ] ‘os lábios deles dois’

Há um fone fricativo surdo com ponto de articulação lábio-dental [f]:

(131) [ajpraʒaʔfɾɛ] ‘as pernas ou pés deles dois’

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação alveolar [s]:

(132) [waʔpsõ] ‘cachorro’

Um fone fricativo surdo alongado com ponto de articulação alveolar [s:]:

(133) [s:iʔku^h] ‘gavião’

(134) [s:u] ‘olho de buriti’

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação retroflexo [ʂ]:

(135) [ʂirepa'hi] ‘asa de pássaro’

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação palatal [ʃ]:

(136) [ka'rɔʃiku'di] ‘arroz cru’

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação velar [x]:

(137) [danð^vx'kre] ‘garganta de alguém’

Um fone fricativo surdo com ponto de articulação glotal [h]:

(138) [ku'hã] ‘porcão’

4.1.1.3.2. Fones Fricativos Sonoros

Nos dados analisados, ocorre um fone fricativo sonoro com ponto de articulação bilabial [β]:

(139) [ajmnõwazawβre] ‘as costas deles dois’

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação lábio-dental [v]:

(140) [ajkuewa'duza'vrɛ] 'as sobrancelhas deles dois'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação alveolar [z]:

(141) [nɔ'zĩ] 'milho'

Um fone fricativo sonoro alongado com ponto de articulação alveolar [z:]:

(142) [kupa'z:u] 'farinha'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação velar [ɣ]:

(143) [ĩ'ɣi] 'meu osso'

Um fone fricativo sonoro com ponto de articulação glotal [ɦ]:

(144) [aj'ɦi] 'teu osso'

(145) [sika'ɦi] 'osso de galinha'

4.1.1.4. Fones Nasais

Os fones nasais são produzidos por uma oclusão total na boca no ponto de articulação e o abaixamento simultâneo do palato mole, permitindo a passagem livre do ar pela cavidade nasal. Realizam-se em diferentes pontos de articulação: bilabial, alveolar e velar e há dois modos de articulação: explodido e não-explodido.

Há dois fones nasais com ponto de articulação bilabial: sendo um explodido [m] e o outro não-explodido [m̃]:

(146) a. [t'kajtomo'rõ] 'areia'

b. [m̃mĩ] 'lenha'

Dois fones nasais com ponto de articulação alveolar explodido e não-explodido, respectivamente: [n] e [ñ].

(147) a. [ponukwa'nẽ] 'dois'

b. [dañ'tõ] 'dormir'

Um fone nasal com ponto de articulação palatal [ɲ]:

(148) [i'ɲi] 'carne'

4.1.1.5. Fone lateral

Um fone lateral com ponto de articulação alveolar [l]

(149) [dalmizuse'ki] 'dor no braço'

4.1.1.6. Fones Flaps

Foi encontrado um fone flap com ponto de articulação alveolar [r]:

(150) [ku'pri] 'queimado'

Um fone flap com ponto de articulação retroflexo [ɽ]:

(151) [dazɛpaɽ'kwa] 'mãe de alguém'

4.2. Descrição fonológica das consoantes

A análise fonológica considera a ocorrência de todos os fones encontrados nos dados, de acordo com o levantamento fonético. Com base numa análise de distribuição desses fones em diferentes ambientes, serão apresentadas suas diferentes situações fonológicas: fonemas distintos e alofones de um mesmo fonema.

4.2.1. Fonemas consonânticos do Akwẽ-Xerente

Há em Akwẽ-Xerente treze fonemas consonânticos, distribuídos no quadro 16:

| | | B | A | V | G |
|-----------|-----------|----------|----------|----------|----------|
| O | Su | p | t | k | |
| | So | b | d | | |
| Fr | Su | | s | | h |
| | So | | z | | |
| N | | m | n | | |
| Fl | | | ɽ | | |
| Gl | | w | j | | |

Quadro 16 – Fonemas Consonânticos

Podemos ver que, diferentemente do quadro fonológico de Mattos (Capítulo 2,

seção 2.1), há dois fonemas nasais, sendo um bilabial e o outro alveolar. Postulamos esses dois fonemas, devido às suas distribuições em variados ambientes da língua e também pela presença de pares mínimos entre /m/ e /n/ que valida o caráter fonológico dos dois seguimentos.

Serão apresentadas inicialmente, a partir da seção 4.2.1.1., as variações alofônicas que ocorrem regularmente em certos grupos de fonemas. Seguir-se-ão, na seção 4.2.1.6., as variações alofônicas de fonemas isolados e, por último, na seção 4.2.1.7., haverá uma descrição geral dos fonemas consonânticos.

Abaixo, há uma tabela que mostra os agrupamentos de variantes dos fonemas, apresentados no quadro 16, do Akwẽ-Xerente.

| | | | Labiais | | Frontal | | | Velar | Glotal |
|----|--------|--------|----------------|---|----------------|----------------|---|----------------|--------|
| | | | B | L | D | A | P | V | G |
| O | Su | Ex. | p ^h | | | t | | k | |
| | | N. Ex. | p ^ʔ | | | t ^ʔ | | k ^ʔ | |
| | | As. | | | | t ^h | | k ^h | |
| | | E | p ^ʰ | | | t ^ʰ | | k ^ʰ | |
| | So | Ex. | b | | d | d | | g | |
| | | N. Ex. | b ^ʔ | | | d ^ʔ | | | |
| A | | | | | | tʃ | | | |
| | | | | | | dʒ | | | |
| Fr | Su | N. Al. | φ | f | | s | ʃ | x | h |
| | | Al. | | | | s: | | | |
| | | R. | | | | s | | | |
| | So | | β | v | | z | | v | ɸ |
| N | Ex. | | m | | n | | ɲ | | |
| | N. Ex. | | m ^ʔ | | n ^ʔ | | | | |
| L | | | | | | l | | | |
| Fl | | | | | | r | | | |
| Fl | R. | | | | | ɾ | | | |

Quadro 17 - Variações Consonânticas do Akwẽ-Xerente

⁹ Existe relação entre alguns segmentos com características articulatórias parecidas que não puderam ser colocados dentro dos balões devido à distância na estrutura da tabela, entre eles: [p, b], [t ~ tʃ, d ~ dʒ], [s, z] e [r, h].

Note-se que os quatro fones fricativos labiais e labio-dentais do quadro 17 não correspondem a um fonema do quadro 16, pois, como será demonstrado adiante, são realizações do fonema glide /w/.

4.2.1.1. Oposições fonológicas

Para justificar o caráter fonológico dos fones citados, seguem-se os seguintes pares mínimos e análogos para os segmentos consonânticos:

- [p] e [b] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(152) [ku'pa] /kupa/ 'mandioca'

(153) [ku'ba] /kuba/ 'canoa'

- [t] e [d] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(154) [wa'ti] /wati/ 'apertar'

(155) [wa'di] /wadi/ 'o outro, outra pessoa (desconhecido)'

- [t] e [s] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(156) [tɛ] /tɛ/ 'pronomesufixo possessivo'

(157) [sɛ] /sɛ/ 'tipo de pássaro'

- [t] e [k] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(158) [kɔ] /kɔ/ ‘molhar’

(159) [tɔ] /tɔ/ ‘olho’

- [d] e [z] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(160) [da] /da/ ‘posposição’

(161) [za] /za/ ‘marca de futuro’

- [d] e [r] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(162) [bədə] /bədə/ ‘estar frio’

(163) [darə] /darə/ ‘morrer’

- [s] e [z] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(164) [sa] /sa/ ‘morfema - exortativo’

(165) [za] /za/ ‘marca de futuro’

- [t] e [r] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(166) [te] /te/ ‘novo’

(167) [re] /re/ 'marca de diminutivo'

- [d] e [n] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(168) [kdõ] /kdõ/ 'anta'

(169) [knõ] /knõ/ 'mar'

- [m] e [n] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(170) [k^wa'mẽ] /kwa'mẽ/ 'sei lá!'

(171) [k^wa'nẽ] /kwa'nẽ/ 'moquear'

- [n] e [r] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(172) [k'nẽ] /knẽ/ 'pedra'

(173) [ku'krẽ] /kukrẽ/ 'cabaça'

- [z] e [r] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição fonológica:

(174) [hə'zɛ] /həzɛ/ 'adoecer'

(175) [hə'rɛ] /hərɛ/ 'amanhã'

- [s] e [h] ocorrem em pares mínimos, evidenciando uma oposição

fonológica:

(176) [wa'si] /wasi/ 'estrela'

(177) [wa'hi] /wahi/ 'cascavel'

- [b] e [w] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(178) [bə'dõ] /bədõ/ 'dia'

(179) [wa'hõ] /wahõ/ 'eu'

- [m] e [w] ocorrem nas seguintes palavras, evidenciando uma oposição em ambiente análogo:

(180) [mi'rõ] /mirõ/ 'mato'

(181) [wa'ra] /wara/ 'eu corri'

4.2.1.2. Alofonia e distribuição das consoantes oclusivas surdas

Seguindo as linhas gerais da análise de Grannier e Souza e de acordo com os quadros 16 e 17, é possível determinar os seguintes fonemas, com seus respectivos alofones:

- /p/ é uma oclusiva bilabial surda e realiza-se como oclusiva bilabial surda [p], oclusiva bilabial surda não-explodida [p^h] e como oclusiva bilabial surda ejetiva [p^h']. Os três fones variam livremente antes do fone consonântico oclusivo [k] e, antes de fone fricativo surdo, [p] e [p^h], variam livremente:

/p/: [p] ~ [p̚] ~ [pʰ] / _____ C^{oclusiva}
 [p] ~ [p̚] / _____ C^{fricativa}
 [p]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

(182) [pku] ~ [p̚ku] ~ [pʰku] /pku/ ‘lagoa’

(183) [psapaʹri] ~ [p̚sapaʹri] /psapari/ ‘dente’

- O fonema /p/ ocorre em posição de onset silábico, coda silábica e início absoluto de palavra formando sílabas com os fonemas vocálicos: /i, i, u, e, o, a/.

▫ Exemplos:

(184) /kupi/ ‘peixe-elétrico’

(185) /krɔpi/ ‘rabo do macaco’

(186) /pku/ ‘lagoa’

(187) /tpekrẽpɔ/ ‘surubim’

(188) /padi/ ‘tamanduá’

- O fonema /p/ ocorre também tanto em onset como em coda silábica de sílabas complexas:

▫ Exemplos:

| | | |
|-------|--------------|------------|
| (189) | /udepanipdi/ | ‘galho’ |
| (190) | /wapsã/ | ‘cachorro’ |
| (191) | /wasitɔpre/ | ‘estrela’ |
| (192) | /pku/ | ‘lagoa’ |
| (193) | /tpekrẽpɔ/ | ‘surubim’ |
| (194) | /ĩptɔkwa/ | ‘meu pai’ |

- /t/ é uma oclusiva alveolar surda e realiza-se como alveolar surda [t], alveolar surda não-explodida [t̚], alveolar surda ejetiva [tʼ] e alveolar surda levemente aspirada [tʰ];

Os fones [t], [t̚], [tʼ], [tʰ] variam livremente antes de fones oclusivos e fricativos e do fone vocálico [i]. Em final absoluto de palavra, pode ocorrer a queda do fone [t]:

/t/: [t] ~ [t̚] ~ [tʼ] ~ [tʰ]/___C^{oclusiva}, C^{fricativa} e [i]

___ queda de [t]

[t]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

- (195) [tpe] ~ [ṭpe] ~ [t'pe] ~ [t^hpe] /tPe/ 'peixe'
- (196) [ti] ~ [ṭi] ~ [t'i] ~ [t^hi] /ti/ 'flecha'
- (197) [tpeka'ret] ~ [tpeka'reṭ] ~ [tpeka're] /tpekare/'piabinha'

Os fones [t^h] e [ṭ] variam entre dois fones oclusivos de mesma característica articulatória:

/t/: [t^h] ~ [ṭ]/_____ [s]

▫ Exemplo:

- (198) [pat^hte're] ~ [paṭte're] /pattere/ 'gato do mato'

- O fonema /t/ tem vasta ocorrência na língua. Ocorre em posição de onset silábico e início absoluto de palavra. Forma sílaba com os fonemas vocálicos: /ɔ, ã, a, ε, e/:

▫ Exemplos:

- (199) [wasitɔ'pre] /wasitɔpre/ 'estrela'
- (200) [tã] /tã/ 'chuva'
- (201) [dakrawa'pte] /dakrawapte/ 'sobrinha de alguém'

(202) [datezanĩze] /datezanize/ ‘dor nas pernas’

- O fonema /k/, oclusiva velar surda, realiza-se como [k], [kʰ] e [k̠] antes dos fones oclusivos surdos [p], [t], [k] e da oclusiva sonora [d]. O fonema /k/ tem um alofone velar sonoro [g] que varia com [k] em início absoluto de sílaba ou em grupo consonântico:

/k/: [k]~[kʰ]~[k̠]/_____C^{consoante oclusiva surda ou sonora}

[k]~[g]/____• ou ____CV

[k]/ Nos demais ambientes

(203) [danĩkɔ]~[danĩkʰɔ]~[danĩk̠ɔ]~ [danikbɔ] /danikPɔ/ ‘unha de alguém’

(204) [ajku'kta] ~ [ajku'kda] ~ [ajku'k'ta] ~ [ajku'k'ta] /ajku'k'ta/ ‘bochecha’

(205) [nozĩkwǎm't'i]~[nozĩgwǎm't'i]~[nozĩwǎm't'i]/nozĩkwamti/ ‘milho verde’

- Esse fonema forma sílaba com as vogais: /u, a, i, õ, ɔ, ã, ε, i/. Pode ocorrer como onset e coda silábico, sendo em sílabas simples ou complexas.

▫ Exemplos:

(206) [rɔah'ku] /rɔaHku/ ‘vento’

(207) [ah'ka] /aHka/ ‘mutum’

| | | | |
|-------|----------------------------------|------------|------------------|
| (208) | [ki] | /ki/ | ‘água’ |
| (209) | [wakõ] | /wakõ/ | ‘quati’ |
| (210) | [kõ'ra ^h] | /kõra/ | ‘macaco guariba’ |
| (211) | [ku'kõ] ~ [ku'kõ ^h] | /kukõ/ | ‘jabuti’ |
| (212) | [am'kɛ] | /amkɛ/ | ‘cobra’ |
| (213) | [ajd'ki] | /ajdki/ | ‘tua barriga’ |
| (214) | [sda'krõ] ~ [s:da'krõ]/sdakrõ/ | | ‘sol’ |
| (215) | [tõjkbuzi] | /tõjkbuzi/ | ‘relâmpago’ |
| (216) | [ktez'ru] | /ktezru/ | ‘cará’ |
| (217) | [krẽ'ti] | /krẽti/ | ‘formiga’ |
| (218) | [wanĩ'kbõ] ~ [wanĩ'kpõ]/wanikPõ/ | | ‘nossa unha’ |

4.2.1.3. Alofonia e distribuição das consoantes oclusivas sonoras

- /b/, fonema oclusivo bilabial sonoro, realiza-se como oclusivo bilabial sonoro [b] e oclusivo bilabial sonoro não-explodido [b̚]. A realização [b] pode variar com [b̚] e [p] em coda silábica. Nesse ambiente, pode ocorrer também variação entre [b] e [m]:

/b/: [b]~[b̚]~[p]/ ____•

[b]~[m]/ ____•

[b]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

(219) [dab'du] ~ [dab^h'du] ~ [dap'du] /daPdu/ 'pescoço'

(220) [ĩnõkrebzu'kwa]~[ĩnõkremzu'kwa]/wanokreBzukwa/ 'meu tio'

- Esse fonema forma sílaba com as seguintes vogais: /ɔ, i, u, a, õ / e com os fone vocálico [ĩ], tendo pouca ocorrência em sílabas complexas. Ocorre em onset e coda silábica:

▫ Exemplos:

(221) [ar'bɔ^h] /arbɔ/ 'morcego'

(222) [smidar'bi] /smidarbi/ 'pena'

(223) [wadujkbu'zi] /wadujkbuzi/ 'capim dourado'

(224) [badikre] /badikre/ 'rede'

(225) [tpe'bõ] /tpebõ/ 'arraia'

(226) ['bru] /bru/ 'roça'

(227) [kba're^h] /kbare/ 'pequi'

- /d/, fonema consonântico oclusivo alveolar sonoro, realiza-se como alveolar sonora [d], dental sonora [d̪] e alveolar sonora não-explodida [d̥]; O fone vocálico [d] varia com [d̥] antes dos fones oclusivos [k] e [p] e tem uma variante alveolar dental [d̪] antes de [i]:

/d/: [d]~[d̥]~[p]/ ____ [k] e [p]
 [d]~[d̪]/ ____ [i]
 [d]/ Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

(228) [d̥du] ~ [ddu] /ddu/ ‘capim’

(229) [da̪di] ~ [da'di] /dadi/ ‘barriga’

- Esse fonema forma sílaba com as vogais: /a, u, e, ε, i/ e ocorre em sílabas complexas:

▫ Exemplos:

(230) [sda'krɔ] ~ [s:da'krɔ] /sdakrɔ/ ‘sol’

(231) [du] /du/ ‘capim’

(232) [u'de] ~ [u̥'de] /ude/ ‘árvore’

(233) [ajsde'kwa] /ajsdekwa/ ‘teu irmão mais velho’

(234) [da̪di] ~ [da'di^h] /dadi/ ‘barriga’

- (235) [ajnĩza'pdɔ] /ajnizapdɔ/ 'tuas coxas'
- (236) [ḍˈdu] ~ [ddu] /ddu/ 'tipo de capim'
- (237) [ĩhi'kta] ~ [ĩhi'kda] /ĩhikTa/ 'avô'

4.2.1.4. Alofonia e distribuição das consoantes fricativas

- /s/, fonema fricativo alveolar surdo, ocorre com bastante frequência em Akwẽ-Xerente. Realiza-se como fricativo alveolar surdo [s], fricativo alveolar surdo alongado [s:], fricativo retroflexo surdo [ʂ] e fricativo palatal surdo [ʃ].

Os alofones de /s/ variam nos seguintes ambientes:

- Os alofones [s] ~ [s:] variam antes das vogais altas [i], [u], da vogal anterior média aberta [ɛ] e antes da vogal central [a]. Ocorre variação também antes dos fones alveolares [d], [n] e [s]:

/s/: [s]~[s:] / ____ V e C^{alveolares}
[s] / Nos demais ambientes

▫ Exemplos:

- (238) [ˈsi] ~ [ˈs:i] /si/ 'pássaro'
- (239) [kiwra'su] ~ [kiwra's:u] /kiwrasu/ 'corredeira'
- (240) [s:ɛ 'kwa] ~ [sɛ'kwa] /sɛkwa/ 'pajé'
- (241) [isanĩ'kwa] ~ [is:anĩ'kwa] /isanikwa/ 'cunhada'

(242) [sdakrɔ] ~ [s:dakrɔ] /sdakrɔ/ 'sol'

- Os alofones [s] ~ [ʃ] ~ [ʂ] variam antes da vogal [i]:

/s/: [s]~[s:]/ ____ V e C^{alveolares}
[s]/ Nos demais ambientes

- Exemplo:

(243) [sire] ~ [ʃire] ~ [ʂire] /sire/ 'passarinho'

- Esse fonema forma sílaba com as vogais: / i, ε, ɔ, õ, a, ã, u, ã/ e com o fone vocálico: [ɔ̃]. Pode ocorrer em onset e coda silábica, sendo em início e final absoluto de palavra:

- Exemplos:

(244) [si'ka] /sika/ 'galinha'

(245) [ajsɛpar'kwa] ~ [ajsɛpaɾ'kwa] /ajsɛpaHkwa/ 'tua mãe'

(246) [ajsɔkrebzu'kwa]¹⁰ ~ [ajsɔkremzu'kwa] /ajsɔkreBzukwa/ 'teu tio'

(247) [ajsɔ̃x'kre] ~ [ajsɔ̃h'kre] /ajsɔ̃Hkre/ 'tua garganta'

(248) [ajsai'kwa] /ajsai'kwa/ 'cabelo'

(249) [wap'sɔ̃] /wapsɔ̃/ 'cachorro'

¹⁰ Alguns termos estão em negrito para facilitar o encontro do fone.

- (250) [kupajsuhi're] /kupajsuhi're/ 'tipo de mandioca'
- (251) [kupasĩkrõ] /kupasĩkrõ/ 'mandioca gaeira'
- (252) [sda'krõ] ~ [s:da'krõ] /sdakrõ/ 'sol'
- (253) [t'kajwam'srẽ] /tkajwamsrẽ/ 'barro mole'
- (254) ['srõ] /srõ/ 'morro'
- (255) [skrarõm'kwa] /skrarõBkwa/ 'cachorra – tipo de peixe'

- /h/, fone consonântico fricativo glotal surdo, possui muitas variações na língua Akwẽ-Xerente. Realiza-se como alofone fricativo glotal surdo [h], fricativo velar surdo [x], variando antes do fone [k]. O fonema /h/ ocorre também, como fricativo velar sonoro [ɣ] e fricativo glotal sonoro [ɦ], variando antes do fone [i]:

/h/: [h]~[x]/_____ [k]
 [h], [ɣ], [ɦ]_____ [i]
 [h]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

- (256) [ax'ka] ~ [ah'ka] /aHka/ 'mutum'
- (257) [da'hi] ~ [da'ɣi] ~ [da'ɦi] /dahi/ 'osso'

- Esse fonema pode ocorrer com os fonemas vocálicos: /e, u, õ, ã, ã, i/, ocorrendo em onset e coda silábica:

▫ Exemplos:

| | | | |
|-------|----------------------|-----------------|------------------|
| (258) | [he'wa] | /hewa/ | ‘céu’ |
| (259) | [hu'ku] | /huku/ | ‘onça’ |
| (260) | [kuhẽre] | /kuhẽre/ | ‘caititu’ |
| (261) | [ĩhĩkTa simpikõ] | /ĩhikTasimpikõ/ | ‘minha avó’ |
| (262) | [kɔhi ^h] | /kɔhi/ | ‘pêlo do macaco’ |
| (263) | [rɔah'ku] | /rɔaHku/ | ‘vento’ |

4.2.1.5. Alofonia e distribuição das consoantes nasais

- /m/, fonema nasal bilabial, é pouco freqüente no Akwẽ-Xerente. Ocorre como nasal bilabial [m] e nasal bilabial não-explodida [m̠];

▫ Exemplos:

| | | | |
|-------|--|--------------|----------|
| (264) | [mẽku] | /mɛku/ | ‘pato’ |
| (265) | [mɔkɔjtɔ'rɛ ^h] ~ [mɔ̠kɔjtɔ'rɛ ^h] | /mɔkɔjtɔ'rɛ/ | ‘caju’ |
| (266) | [mɔkõni ^h] | /mɔkoni/ | ‘inhamé’ |
| (267) | [m̠mi] ~ [m̠mi] | /m̠mi/ | ‘lenha’ |

(268) [ˈmrẽ] /mrẽ/ ‘mato’

- /n/ é um fone nasal alveolar e ocorre com frequência na língua. Realiza-se como nasal alveolar [n], ocorrendo livremente com a nasal alveolar não-explodida [n̥] e variando com a nasal velar [ɲ] antes de [i], [õ], [ɔ];

/n/: [n]~[ɲ]/____ V
[n]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

(269) [ponukwaˈnẽ] /ponukwane/ ‘dois’

(270) [dan̥ˈtõ] /dantõ/ ‘dormir’

(271) [ĩɲõxˈkrɛ] ~ [ĩɲõxˈkrɛ] ~ [ĩnõxˈkrɛ] /inoHkrɛ/ ‘minha garganta’

(272) [iˈɲi] ‘carne’ /ini/ ‘carne’

4.2.1.6. Alofonia e distribuição das consoantes flaps

- /r/, fone consonântico flap alveolar, realiza-se como os alofones flap alveolar [r] e flap retroflexo [ɽ], na qual variam livremente em final de sílaba:

/r/: [r]~[ɽ]/____.
[r]/ Nos demais ambientes

- Exemplos:

(273) [dazɛpaɾ'kwa] ~ [dazɛpaɾ'kwa] /dazɛpaHkwa/ 'mãe'

(274) [aɾ'ka] ~ [aɾ'ka] /aHka/ 'mutum'

- Esse alofone é muito freqüente na língua em grupos consonânticos e ocorre com os seguintes fonemas vocálicos: /ɔ, ɛ, a, ã, e, u/

▫ Exemplos:

(275) [ɾɔah'ku] /ɾɔaHku/ 'vento'

(276) [sda'krɔ] /sdakrɔ/ 'sol'

(277) [wasitɔ'pɾɛ] /wasitɔpɾɛ/ 'estrela'

(278) [kiwra'su] /kiwrasu/ 'corredeira'

(279) [srã] /srã/ 'morro'

(280) [sikakɾe're] /sikakɾere/ 'galo'

(281) [uru'kwa] /urukwa/ 'cobra coral'

5

QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA

Neste capítulo, serão enfocadas questões de análise sobre (1) os segmentos vocálicos epentéticos [u] posterior alto fechado arredondado, [ə] central médio fechado não-arredondado, [ɛ̃] central médio fechado nasalizado não-arredondado oral e [i] anterior alto fechado; (2) a interpretação fonológica de segmentos vocálicos nasalizados que não constituem fonemas nasais; (3) interpretação fonológica dos segmentos bilabiais fricativos surdos e sonoros [ɸ], [β] e labio-dentais surdos e sonoros [f], [v]; (d) o acento e os tipos silábicos em Akwẽ-Xerente e (4) as neutralizações entre os fonemas

consonânticos oclusivos e nasais com ponto de articulação bilabial e alveolar, e entre os fonemas /r/ e /h/ e /s/ e /z/.

5.1. Vogais epentéticas

Segundo Weiss (1988), as vogais epentéticas são transições vocálicas incidindo sobre junturas de segmentos consonânticos em sílabas, palavras ou enunciados maiores. As transições podem ser abertas ou fechadas. Transição aberta consiste num fone vocálico (da mesma sonoridade do fone consonântico) falado brevemente. Esse fone vocálico geralmente faz parte do fone consonântico e não constitui uma sílaba separada. Transição fechada é quando há uma seqüência de dois fones consonânticos sem transição vocálica (especialmente quando o primeiro fone consonântico é oclusivo). (Weiss, 1988, p. 62)

No caso do Akwẽ-Xerente, interpretamos como transição fonética os segmentos que podem facultativamente ocorrer entre consoantes. As transições que ocorrem são abertas e com os seguintes fones vocálicos: [u], [ə], [ã] e [i], dependendo dos fonemas vizinhos. Outra possibilidade de interpretação seria considerá-los como ocorrência de fonemas que podem sofrer queda em certos ambientes.

Como, entretanto, nos mesmos ambientes, há exemplos de fonemas vocálicos que não desaparecem, tornando a queda de vogais imprevisível, optamos pela interpretação como transições, pois, inversamente, é possível prever a qualidade da vogal epentética de acordo com o ambiente em que ocorrem.

O fato de existirem diferentes segmentos vocálicos epentéticos, possivelmente é resquício da queda de vogais que é reportada para o Akwẽ-Xerente, quando se compara com a língua Akwẽ-Xavante (Mattos, 1973, p.1).

A seguir, apresentamos os exemplos de vogais epentéticas:

- [ə] e [ã] ocorrem precedendo consoantes alveolares:

| | | | |
|-----|-----------|---------|---------------|
| (1) | [kə'nē] | /kne/ | 'pedra' |
| (2) | [kə'di] | /kdi/ | 'anta' |
| (3) | [wapɐ'nɐ] | /wapnə/ | 'nosso irmão' |

- [u] ocorre entre consoante labial e velar:

| | | | |
|-----|----------|--------|---------|
| (4) | [amu'kɛ] | /amkɛ/ | 'cobra' |
| (5) | [pu'ku] | /pku/ | 'lago' |

- [i] ocorre entre labial e flap

| | | | |
|-----|-------|-------|--------|
| (6) | [mrɐ] | /mrɐ/ | 'mato' |
|-----|-------|-------|--------|

5.2. Vogais nasalizadas

As vogais nasalizadas são fonemas orais que por causa do ambiente mais nasal se nasalizaram, diferentemente das vogais nasais propriamente ditas apresentadas na seção 3.1.2.

Do ponto de vista fonético, não há diferença entre as vogais que interpretamos como vogais nasais e entre as vogais nasalizadas apresentadas aqui. A opção pelos dois tipos de termos, nasais e nasalizados, foi adotada apenas para destacar suas diferenças funcionais.

Dessa maneira, todos os fonemas orais possuem alofones levemente nasalizados:

Exemplos de vogais nasalizadas:

- | | | | |
|------|---------------|---------------|-------------------------|
| (7) | [nrõu'da] | /nrõuda/ | 'tucano' |
| (8) | [põ'nẽ] | /põne/ | 'veado mateiro' |
| (9) | [ku'nõ] | /kuno/ | 'cobra de duas cabeças' |
| (10) | [dapnõ] | /dapnõ/ | 'irmão' |
| (11) | [wanĩpkra'hi] | /wanipkra'hi/ | 'nosso dedo' |

5.3. Interpretação fonológica para os segmentos consonânticos [ϕ], [β] e [f], [v]

O morfema /zæɛ/ apresenta quatro tipos de realizações fricativas: sendo duas bilabiais, uma surda e a outra sonora [ϕ], [β] e duas alveolares, também uma surda e a outra sonora [f], [v]. Abaixo, seguem-se os exemplos:

- | | | | |
|------|-------------------------|-------|--------------------|
| (12) | [waza'ϕrɛ] ~ [waza'βrɛ] | /zæɛ/ | 'algo de nós dois' |
| (13) | [za'βrɛ] ~ [za'vrɛ] | /zæɛ/ | 'deles dois' |
| (14) | [za'vrɛ] ~ [za'ʋrɛ] | /zæɛ/ | 'deles dois' |
| (15) | [za'βrɛ] ~ [za'frɛ] | /zæɛ/ | 'deles dois' |

5.4. Ditongos e os glides

Em Akwẽ-Xerente, os glides /w, j/ funcionam e são considerados como consoantes, pois nunca ocupam pico silábico e também apresentam realização mais próxima do palato ou do véu-palatino, como acontece com as consoantes.

Os glides podem ser caracterizados como vogais altas elevadas com função consonantal. Chomsky (1968, p. 20) define os glides como sons [+soantes], ou seja, sons produzidos com uma configuração do trato vocal na qual é possível a sonorização espontânea; e não vocálicos, pois não constituem pico de sílabas.

Em Akwẽ-Xerente, os glides podem formar ditongos em Akwẽ-Xerente que podem ser crescentes ou decrescentes com o glide /w/ e somente decrescente com o glide [j]. As formas dos ditongos encontradas nos dados estão ilustradas abaixo:

- Ditongos crescentes

/wa/

(16) /hewa/ ‘céu’

/wẽ/

(17) /wawẽ/ ‘velho’

- Ditongos decrescentes

/i^hw/

(18) /ki^hwrasu/ ‘corredeira’

/ɔw/

(19) /wakɔwde/ ‘arco’

/aj/

(20) /ajhidba/ ‘tua irmã’

/uj/

(21) /ajkujhõwadu/ ‘tua sobancelha’

/õj/

(22) /tõjkbuzi/ ‘relâmpago’

/oj/

(23) /wanojtɔ/ ‘nossa língua’

/ũj/

(24) /kupasũjka're/ ‘tipo de mandioca’

Há, ainda, nos nossos dados, alguns casos de ocorrência de seqüência de três segmentos vocálicos distintos formando sílaba, o que nos permite interpretá-los como tritongos:

(25) /wajkwakukrẽ/ ‘pacu’

(26) /wajteasiBhi/ ‘minha cunhada’

(27) /wajkiřewa/ ‘meu cunhado’

5.5. Sílaba, padrões silábicos e acento em Akwẽ-Xerente

Encontramos em nossos dados os seguintes padrões silábicos: V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC.

| | | |
|-------------|------------------|-----------|
| V | /u.de/ | ‘árvore’ |
| VC | /rɔ.aH.ku/ | ‘vento’ |
| CV | /ki.kra.re/ | ‘córrego’ |
| CVC | /sɔj.tɛ/ | ‘arara’ |
| CCV | /waj.kwa.ku.krẽ/ | ‘pacu’ |
| CCVC | /tkaj.ku.knẽ/ | ‘tijolo’ |

Mattos, entretanto, aponta, além dessas, outras estruturas silábicas altamente complexas: VCC, CCCCVC, CCCCCV, CVCC, CCVCC, CCCVCC. Nos nossos dados, entretanto, as poucas palavras apresentadas pelo autor para exemplificá-los não ocorrem, por isso não estamos incluindo esses padrões na nossa análise.¹¹

Os padrões encontrados nos nossos dados podem ser vistos como um conjunto básico: **V**, **CV** e **CCV** e de um conjunto modificado pelo acréscimo de coda: **VC**, **CVC** e **CCVC**.

• **V e VC**

Apenas as vogais /a, u, ã/ podem constituir o padrão silábico **V**, que ocorre apenas em posição inicial de palavra:

(28) /akɛ/ ‘colar’

(29) /ude/ ‘árvore’

(30) /ĩpra/ ‘minha perna’

Note-se que algumas ocorrências de sílabas constituídas apenas por uma vogal, formando aparentemente um padrão **V** em posição não inicial de palavra, como se vê nos exemplos abaixo, devem ser interpretadas como sílabas **CV**, pois resultam da queda do fonema fricativo glotal /h/ entre vogais (Sousa Filho, 2007):

¹¹ Pretendemos esclarecer, numa próxima viagem ao campo, se as palavras documentadas por Mattos ainda são usadas pelos Akwẽ-Xerente.

- (31) [ude'hu] ~ [de'u] /ude'hu/ 'cipó'
- (32) [ĩsa'hi] ~ [ĩsa'i] /ĩsa'hi/ 'meu pêlo'
- (33) [ĩpa'hi] ~ [ĩpa'i] /ĩpa'hi/ 'minha asa'

O padrão **VC** é pouco freqüente na língua. A posição de coda desse tipo de sílaba pode se realizar como: o glide /j/ e o arquifonema /H/:

- (34) [rɔah'ku] /rɔaHku/ 'vento'
- (35) [ax'ka] /aHka/ 'mutum'
- (36) [aj'kwa] /ajkwa/ 'teu dente'

Ocorreu um caso de estrutura silábica **VCC**:

- (37) [ajsdap'da] /ajsdapda/ 'tua bochecha'

• **CV e CVC**

Em Akwẽ-Xerente, **C** em posição inicial se caracteriza por uma classe de constituintes específicos: consoantes oclusivas, nasais, fricativas, flap e glide (**C = p, t, k, b, d, s, z, h m, n, r, w**). Note-se que, do conjunto de consoantes da língua, apenas /j/ não ocorre nessa posição.

O padrão **CV** é constituído por uma seqüência de uma consoante da classe mencionada acima e de um dos fonemas vocálicos da língua. Esse padrão ocorre em qualquer posição da palavra.

Exemplos:

- (38) **Oclusiva** [kɿ.ka.'ka] /**kɿ**.ka.ka/ 'cachoeira'

| | | | | |
|------|------------------|-------------|-------------|---------|
| (39) | Nasal | [mõ.'ku] | /m̩.ku/ | ‘pato’ |
| (40) | Fricativa | [he.'wa] | /h̩.e.wa/ | ‘céu’ |
| (41) | Flap | [rõ.ah.'ku] | /r̩õ.aH.ku/ | ‘vento’ |
| (42) | Glide | [wa.'kõ] | /wa.kõ/ | ‘quati’ |

A partir de alguns exemplos, podemos concluir que a tendência da língua é a formação de sílabas **CV**, já que o sistema da língua produz a inserção de fones consonânticos como: oclusivo velar [k], oclusivo alveolar [t] e fricativa glotal [h] para preencher a posição de onset silábico. A seguir, seguem-se os exemplos:

| | | | |
|------|-------------------|---------------|-------------------------|
| (43) | [kwaz.da.'wa] | /waSdawa/ | ‘nossa boca’ |
| (44) | [t'aj.se] | /ajtse/ | ‘teu ombro’ |
| (45) | [hajs.dawaza'vɾɛ] | /ajsdawazare/ | ‘as bocas deles dois’ |
| (46) | [haj.krõza'vɾɛ] | /ajkrõzare/ | ‘as cabeças deles dois’ |
| (47) | [hu.ahõ] | /wahõ/ | ‘nossa pele’ |

As sílabas **CVC** são poucos frequentes em Akwẽ-Xerente. A posição de coda pode ser preenchida pelos arquifonemas /B, D, H, S/ e os glides /w,j/:

| | | | |
|------|-------------------------------------|-----------------|-----------|
| (48) | [ajsokremzu'kwa] ~ [ajsokremzu'kwa] | /ajsokreBzukwa/ | ‘teu tio’ |
|------|-------------------------------------|-----------------|-----------|

| | | | |
|------|-------------------------|-----------|--------------|
| (49) | [dankre] ~ [dadkre] | /daDkre/ | ‘nariz’ |
| (50) | [rɔah'ku] | /rɔaHku/ | ‘vento’ |
| (51) | [wazda'wa] ~ [wasda'wa] | /waSdawa/ | ‘nossa boca’ |
| (52) | [kiwras:u] | /kiwrasu/ | ‘corredeira’ |
| (53) | [ajtɔ] | /ajtɔ/ | ‘teu olho’ |

• **CCV e CCVC**

Em um onset complexo, a segunda consoante pode ser os fonemas: /p/ em ambiente átono, /k/, /t/, /m/, /n/, /s/, o arquifonema /P/ em ambiente tônico e o glide /w/.

| | | | |
|------|------------------------|---------|------------|
| (54) | [t ^h pe'ka] | /tpeka/ | ‘piaba’ |
| (55) | [t'ka] | /tka/ | ‘terra’ |
| (56) | [kri] | /kri/ | ‘casa’ |
| (57) | [mmĩ] | /mmi/ | ‘lenha’ |
| (58) | [kə'nẽ] | /kne/ | ‘pedra’ |
| (59) | [pse'di] | /psedi/ | ‘está bem’ |
| (60) | [tpe] ~ [tbe] | /tPe/ | ‘peixe’ |

(61) [waptɔ'kwa] /waptɔkwa/ 'pai'

Em coda, nesse padrão silábico, ocorrem os glides /w/ e /j/, as consoantes /t/, além dos arquifonemas /B, D/.

Exemplos:

(62) [wakrɔw'de] /wakrɔwde/ 'arco'

(63) [t'kajku'knē] /tkajkukne/ 'tijolo'

(64) [kwat'bre'mī] /kwatbreɪmi/ 'menino'

(65) [danõkremzu'kwa] /danokreBzukwa] 'tio'

(66) [dasikmõnkřze] ~ [dasikmõdkřze] /dasikmõDkize] 'espelho'

Ocorreu apenas um exemplo de estrutura silábica do tipo **CVCC**:

(67) [dujs'ku] /dujsku/ 'brejo'

Concordamos com Mattos (1973, p. 2) que o padrão acentual em Akwẽ-Xerente é previsível, portanto pós-lexical. A sílaba tônica é sempre a última da palavra:

(68) [ku'ba] /kuba/ 'canoa'

(69) [krē'ti] /krēti/ 'formiga'

(70) [si] /si/ 'pássaro'

(71) [tpe] ~ [tbe] /tPe/ 'peixe'

(72) [tpe'kra] /tpekra/ 'piaba'

Nos casos em que há formação de palavras com acréscimo de sufixos, o acento migra para a última sílaba:

(73) [kuba're] /kubare/ 'canoazinha'

(74) [krēt^hitɔ] /krētito/ 'formiga tanajura'

(75) [si're] /sire/ 'passarinho'

(76) [tpe'kra] /tpekra/ 'piaba'

5.6. Interpretação de /p/, /b/ e /t/, /d/

A análise apresentada segue a proposta de Grannier e Souza (2005), como foi apresentada na seção (2.3. – capítulo 2) e das descrições vocálicas e consonânticas feitas nos capítulos 3 e 4.

Ao analisar dados do Akwẽ-Xerente, percebe-se que há oposição entre duas séries de oclusivas surdas e sonoras, nos pontos de articulação bilabial (exemplos 77 e 78) e alveolar (exemplos 79 e 80):

(77) [ku'pa] 'mandioca'

(78) [ku'ba] 'canoa'

(79) [wa'ti] 'apertar'

(80) [wa'di] 'o outro, outra pessoa (desconhecido)'

Além da situação evidenciada pelos pares mínimos acima, há variações entre [p] e [b] e entre [t] e [d], ambas as variações em grupo de consoantes tônico, que, aparentemente, contesta o seu caráter fonêmico:

(81) [tpe] ~ [tbe] ‘peixe’

(82) [wanip'kta] ~ [wanip'kda] ‘nossa unha’

A variação entre [b] e [m] e entre [d] e [n] também contribui para questionar o caráter fonêmico de /b/ e /d/:

(83) [da'bdu] ~ [ɔrɔ'bdu] ~ [ɔrɔ'mdu] ‘pescoço’

(84) [ajsɔkrebzu'kwa] ‘teu tio’

(85) [wanɔkremzu'kwa] ‘nosso tio’

(86) [wadpkra'hi] ~ [wanpkra'hi] ‘nosso dedo’

Devido a essas variações, Mattos (1973) analisa esses segmentos como alofones de um mesmo fonema. No entanto, propomos outra análise baseando-nos nas ocorrências, bem delimitadas, das possíveis variantes. Como os exemplos (81) e (82) demonstram, as variações entre os segmentos [p], [b] e [t], [d] ocorrem somente em sílaba tônica.

Entretanto, a partir da evidência de contraste entre [p] e [b] e entre [t] e [d] e, por outro lado, da variação desses segmentos em grupos consonânticos, podemos propor a seguinte interpretação: o contraste das oclusivas se concretiza em ataque silábico. No entanto, em grupos consonânticos tônicos¹² não há oposição e, torna-se necessário explicar a situação.

¹² Note-se que as palavras em que há variação [p] e [b] e entre [t] e [d] são aquelas que resultam historicamente da queda de vogal, fazendo com que haja a formação de grupo consonântico, o caráter fonológico não

[p] ~ [b] _____ CV / [t] ~ [d] _____ CV

Portanto, consideramos [p], [b] e [t], [d] como fonemas distintos em onset silábico, mas que variam em coda silábica na posição de sílaba tônica. Dessa maneira, postulamos que em grupo tônico, os segmentos são realizações dos arquifonemas /P/ e /T/.

| | | | |
|------|-------------------------------------|------------------|----------------|
| (87) | [tbe] ~ [t ^h be] ~ [tpe] | /tPe/ | ‘peixe’ |
| (88) | [ihik'da] | /ihikTa/ | ‘meu avô’ |
| (89) | [ihik'ta simpikõ] | /ihikTa simpikõ/ | ‘minha avó’ |
| (90) | [kdã] | /kTã/ | ‘anta’ |
| (91) | [k'tãhã] | /kTãhã/ | ‘pele da anta’ |

5.7. Relação das oclusivas sonoras com as nasais

No trabalho de Mattos (1973), em um primeiro momento, ele considera que os sons [d]/[n] e [b]/[m] estão em distribuição complementar, já que, segundo ele, os fones [d]/[b] e [n]/[m] só se realizam junto de vogal oral e nasal respectivamente. Para os casos em que aparentemente a distribuição complementar seria inviabilizada pela oposição em coda. Mattos sugere a aplicação de uma regra de queda de vogais para explicar as realizações encontradas. Dessa forma, o autor afirma que algumas vogais

se efetua, ocorrendo a variação. Para a palavra ‘peixe’, na língua Akwẽ-Xavante, tem-se [te'pe], na qual se vê claramente a realização da vogal. Assim, pode-se dizer que, em fase anterior, havia uma vogal também em Akwẽ-Xerente, na qual, por uma regra geral da língua, os segmentos vocálicos vêm se perdendo. Corroborando com essa análise, o fato de em Akwẽ-Xavante, não haver variação entre [p] e [b], devido a não construção de grupo consonântico, pois a vogal não caiu como em Akwẽ-Xerente:

Akwẽ-Xavante: [te'pe] ‘peixe’

Akwẽ-Xerente: [tpe] ~ [tbe] ‘peixe’

orais que estão juntas do som [d] caem, o mesmo acontecendo com algumas vogais nasais junto do som [n]:

(92) [dadk^he] ‘morto’

(93) [danka] ‘cães’

(94) [danõjto] ‘língua’

Diante dessa argumentação contraditória de Mattos, adotaremos a proposta de Grannier e Souza (2005), para a identificação da oposição dos fones [b], [m] e [d], [n] que contrastam em onset silábico, como atestam os pares mínimos para a oposição [d] e [n] (v. seção 4.2.1.1. – oposições fonológicas), para a oposição [b] e [m], seguem os exemplos abaixo:

- /b/

(95) /bakɾɛ/ ‘esfregar’

(96) /kuba/ ‘canoa’

- /m/

(97) /iskumite/ ‘banhar-se’

Apesar da afirmação de oclusivas sonoras e nasais serem fonemas distintos, há casos em que ocorre variação entre esses segmentos:

- [b] ~ [m]

(1) pescoço - [dab'du] ~ [ɔɾɔb'du] ~ [ɔɾɔm'du]

- (2) teu tio - [ajsɔkrebzu'kwa]
 (3) nosso tio - [wanɔkremzu'kwa]

• [d] ~ [n]

- (4) nosso dedo - [wadpkra'hi] ~ [wanpkra'hi]

A variação entre esses fones é uma neutralização da oposição em coda silábica, por isso consideraremos que nesse ambiente, as variações entre [b] ~ [m], [d] ~ [n] são realizações do arquifonema /B/ e /D/.

5.8. Neutralização de /h/ e /r/ e de /s/ e /z/

Ocorre uma neutralização da oposição entre os fonemas fricativo glotal e flap alveolar /h/, /r/ em coda silábica, tornando-se, nesse ambiente, realizações do arquifonema /H/. O mesmo fenômeno ocorre com os fonemas fricativos alveolares surdo e sonoro /s/, /z/ que em coda silábica são realizações do arquifonema /S/. Abaixo seguem-se os exemplos (27) e (28) que exemplificam a neutralização de /h/ e /r/ e os exemplos (29) e (30) que exemplificam a neutralização de /s/ e /z/:

- (5) [dazepar'kwa] ~ [dazepaɾ'kwa] ~ [dazepah'kwa] /dazepaHkwa/ 'mãe'
 (6) [ax'ka] ~ [aɾ'ka] ~ [ah'ka] ~ [ar'ka] /aH'ka/ 'mutum'
 (7) [dasda'wa] ~ [dazda'wa] /daSdawa/ 'boca'
 (8) [ajsde'kwa] ~ [ajzde'kwa] /ajSdekwa/ 'teu irmão mais velho'

A situação dessas neutralizações e a possibilidade de postular os arquifonemas correspondentes se deve possivelmente à influência da língua portuguesa, na qual encontramos os mesmos fenômenos.

Por outro lado, fatos subfonêmicos como a variação entre [t] e [tʰ] e entre [d] e

[dʒ], tratados nas seções 4.2.1.2 e 4.2.1.3, também são encontrados em português, assim como as neutralizações suprafonêmicas que permitem a identificação dos arqifonemas /H/ e /S/, possibilita-nos considerar uma possível influência do português na língua.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Serão apresentadas nesta seção, as conclusões gerais da análise fonético-fonológica das vogais e consoantes do Akwẽ-Xerente.

Nos capítulos 1 e 2, respectivamente, relatamos algumas das características culturais do grupo Akwẽ-Xerente e fizemos uma revisão bibliográfica dos estudos sobre fonética e fonologia da língua já realizados. Percebemos a relevância dos trabalhos, pois são pioneiros na descrição lingüística do Akwẽ-Xerente.

Nos capítulos seguintes, apresentamos uma descrição fonético-fonológica da língua, numa perspectiva sincrônica: primeiramente a descrição das vogais, na qual identificamos várias ocorrências de fones vocálicos. Na análise fonológica, foram descritas as ocorrências de todos os fones vocálicos, chegando-se às seguintes vogais do Akwẽ-Xerente: orais /i, i, u, e, ə, o, ε, ɔ, a/ e nasais /ĩ, ã, ẽ, õ/, além da descrição dos alofones desses fonemas. Num segundo momento, fizemos a descrição fonético-fonológica das consoantes, na qual ocorreram os seguintes fones consonânticos: [p], [p̣], [pʰ], [b], [ḅ], [t], [ṭ], [tʰ], [tʃ], [d], [ḍ], [dʒ], [k], [ḳ], [kʰ], [ʔ], [g], [β], [ϕ], [f], [v], [s], [s:], [z], [z:], [ʃ], [ʒ], [x], [χ], [h], [ɦ] [m], [ṃ], [n], [ṇ], [ɲ], [l], [r], [r]. De acordo com a análise fonológica proposta por nós, os fonemas consonânticos do Akwẽ-Xerente são: /p, t, k, b, d, g, m, n, s, z, r, h, w, j/. Foram descritas todas as ocorrências dos fonemas consonânticos e seus alofones.

Em seguida, no capítulo 5, focamo-nos na interpretação fonológica dos segmentos considerados problemáticos para a análise. Assim, foram analisados os seguintes pontos: interpretação dos segmentos vocálicos epentéticos [u] posterior alto fechado arredondado, [ə] central médio fechado não-arredondado, [ẽ] central médio fechado nasalizado não-arredondado oral e [i] anterior alto fechado; interpretação fonológica de segmentos vocálicos nasalizados que não constituem fonemas nasais; interpretação fonológica dos segmentos bilabiais fricativos surdos e sonoros [ϕ], [β] e labio-dentais surdos e sonoros [f], [v]; descrição do acento como pós-lexical e dos tipos silábicos, cuja tendência da língua é a construção de sílaba CV, preenchendo a posição de onset silábico com os segmentos consonânticos [k], [t] e [h] e por último as neutralizações entre os fonemas consonânticos oclusivos surdos e sonoros e entre oclusivos sonoros e nasais correspondentes, todos com ponto de articulação bilabial ou alveolar, além das neutralizações entre /r/ e /h/ e /s/ e /z/.

Para estudo posterior, entende-se a necessidade de ampliação do corpus, que inclua também um maior número de falantes provindos de outras aldeias, a partir do qual se possam melhor observar as variações da língua Akwẽ-Xerente e as regularidades do sistema dessa língua. Esta ampliação irá possibilitar, ainda, tratar do estudo do léxico do Akwẽ-Xerente, visando à confecção de um dicionário bilíngüe Akwẽ-Xerente – Português, com o qual os falantes possam contar para auxiliar nos projetos de educação e aprendizagem da sua língua materna e do português como segunda língua.

Visto que a língua apresenta uma grande quantidade de formas variantes de difícil interpretação, pretendemos, dentro de alguns anos, fazer nova coleta de dados para realizar uma revisão desta análise fonológica a fim de verificar a situação dessas variações.

BIBLIOGRAFIA

- ARTIAGA, Z. *Dos índios do Brasil Central*. Uberaba: Gráfica Triângulo.
- ALVES, F. C. (1999). *Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)*. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo.
- _____. (2007). *Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (Fonemas, Sílabas e acento)*. In. RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. (orgs). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora da UnB, p. 45-55.
- BISOL, L. (ORG.) (2005). *Introdução a estudos de fonologia do português*

brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS.

BRAGGIO, S. L. B. (1992). *Situação sociolingüística dos povos indígenas do Estado de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-61, janeiro/dezembro.

_____ (1997). *Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo*. Boletim da ABRALIN, n. 20 (volume especial dedicado a Aryon D. Rodrigues e organizado por Adair P. Palácio). Alagoas: UFAL, 1997.

_____ (1998). *Contato entre línguas: subsídios para educação escolar indígena*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 2, n. 1, p. 8-38.

_____ (1999). *A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências*. V JORNADAS INTERNACIONALES DE LENGUAS Y CULTURAS AMERINDIAS, de 8 a 12 de novembro na Universidad de Valencia, Espanha, 1999.

_____ (2000). *A instauração da escrita entre os Xerente: Conflitos e Resistências*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia v. 3 e 4, n. 1, p. 9-45.

_____ (2002). *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção*. Revista do Museu Antropológico. Goiânia, v. 5 e 6, p. 9-54.

_____ (2003). *Políticas e direitos lingüísticos dos povos indígenas brasileiros*. Signótica. Goiânia, v. 14, n. 1, p. 129-146.

_____ (2003). *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação, tipologias sociolingüísticas e educação escolar*. Atas do II Encontro Nacional do GELCO. Brasília: UnB.

_____ (2005). *Um estudo tipológico-sociolingüístico dos Xerente Akwẽ: questões de vitalização*. In: BERGEMANN DE AGUIAR, O. (Org.). Região, Nação e Identidade. Goiânia: Agepel, p. 165-183.

_____ (2005). *Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwẽ: uma visão comparativa dos dados de Martius (1866) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004)*. Revista Signótica. Goiânia, v. 17, n. 2, p. 251-273, julho/dezembro.

CASTRO, E. V (1995). *Antropologia do Parentesco*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- CAVALCANTI, M. C. & BORTONI-RICARDO, S. M. (ORGS) (2007). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, S.P.: Mercado de Letras.
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. (1995). *The Sound Pattern of English*. Cambridge: MASS MIT PRESS.
- DAVIS, I. (1966). *Comparative Jê Phonology*. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 1, n. 1. Centro de linguística aplicada.
- FARIAS, A. T. P. & SILVA, A.L. (2000). *Pintura corporal e sociedade: os "partidos" Xerente*. In: Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética, Luz Vidal (org.). São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo.
- FILHO, S. M. S. (2000). *Aquisição do português oral pela criança Xerente*. Universidade Federal de Goiás, dissertação de mestrado.
- _____ (2005). *Construções Possessivas em Akwe-Xerente (Jê)*. In.: Revista de Estudos Linguísticos XXXIV pags: 569-574.
- _____ (2007). *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente*. Universidade Federal de Goiás, tese de doutorado.
- GUILES, H. & SAINT-JACQUES, B. (ORGS) (1979). *Language and ethnic relations*. London: Pergamon Press.
- GOLDSMITH, J. A. (ORG) (1996). *The handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell Publishers.
- GRANNIER, D. M. & SOUZA, S. L. (2005). *Fonologia Segmental da Língua Xerente*. (no prelo)
- GUIMARÃES, S. M. G. (1996). *A Aquisição da Escrita e Diversidade Cultural: a prática de professores Xerente*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília.
- JAKOBSON, R., FANT, G. & HALLE, M. (1952). *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge, MA: MIT Press.
- KRIEGER, W. B. E KRIEGER, G. C. (1994). *Dicionário Escolar: Xerente-Português Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões da Convenção Batista Brasileira.
- LEVI-STRAUSS, C. (1954). *O Cru e o Cozido*. Mitológicas Vol. I. Trad. Beatriz Perrone-Moisés: 2004.
- _____ (1982). *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis:

Vozes (2ª edição).

LUZ, E. M. (2005). *Em Busca do Passado Perdido: uma análise estruturalista dos mitos sobre três heróis culturais Akwe-Xerente*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília.

_____. (2007). *Os heróis civilizadores na cosmologia Akwen-Xerente*. In: RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. (orgs). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora da UnB, p. 163-173.

MAYBURY-LEWIS, D. (1984). *A sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves.

MOI, F. P. (2007). *Os Xerente: um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo, Porto Seguro: AnnBlume; ACERVO.

MEIRELLES, V. A. G. (2006). *Aspectos fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília.

MELATTI, J. C. (1989). *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec.

NIMUENDAJÚ, C. (1942). *The Serente*. Los Angeles: Tradução do manuscrito de Robert H. Lowie.

PESSOA, K. N. (2006). *Fonologia Taurepang e comparação preliminar da fonologia de línguas do grupo Pemóng (Família Caribe)*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Pernambuco.

REIS, F. C. O. (2001). *Aspectos do Contato e formas socioculturais da sociedade Akwe-Xerente*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília.

RODRIGUES, A. D. (1994). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2 edição.

SILVA, Z. A. G. (2005). *Fonologia Katukina (Dialeto Katukina do Biá)*. Dissertação de Mestrado: Universidade de Brasília.

_____. (1999). `Macro Jê` R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs), *The Amazonian Languages*, p. 164-206. Cambridge University Press.

SANTOS, J. C. & GOMES, N. S. (s.d.). *Metodologia de pesquisa das línguas indígenas*. (internet).

SANTOS, J. C. (s.d.). *Morfologia do substantivo xerente*. (Internet).

SAUSSURE, F. (1857-1913). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix.

SIQUEIRA, K. M. F. (2003). *Aspectos do substantivo na língua Xerente*. Universidade Federal de Goiás, dissertação de mestrado.

TROUBETZKOY, N. S. (1949). *Principes de Phonologie*. Paris: Librairie C. Klincksieck.

WEISS, H. (1980) *Fonética Articulatória: Guia e Exercícios*. Brasília: SIL.